



Convergência

520

Abril • 2019 • ANO LIV

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010 - 8162





Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Editor: Irmão Lauro Daros, fms
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Pe. Ângelo Mezzari, rcj
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vitório, sj
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes
Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Irmão Lauro Daros, fms
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: crb@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73





Sumário

Editorial

QUERIDOS JOVENS! 5

Mensagem do papa

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO NA ABERTURA DO
SÍNODO DOS JOVENS 8

Mártires/Santos

VENERÁVEL MADRE ANTONIETA FARANI 14

Informes

LUMINOSO TESTEMUNHO DO EVANGELHO - BEM-
AVENTURADA CLÉLIA MERLONI 18
Ir. Maria Vilma Ravazzoli, ascj

Artigos

LITURGIA PASCAL EM UMA IGREJA PASCAL - HERANÇA
DE MEDELLÍN - *Penha Carpanedo, pddm* 25

A ALEGRIA COMO ESTILO DA TAREFA FUNDAMENTAL DE
ANUNCIAR O EVANGELHO - A PROPÓSITO DA
GAUDETE ET EXSULTATE - *Eugênio Rivas, sj* 35

ESPIRITUALIDADE DO CRISTÃO LEIGO NA EVANGELIZAÇÃO
COMO MEMBRO DE UMA IGREJA QUE SE QUER EM SAÍDA 47
Ceci M. C. Baptista Mariani

O ENCANTO DA VIDA CONSAGRADA - PERDA OU
OCULTAÇÃO? - *Padre José Cristo Rey Garcia Paredes, cmf* 57

EXISTE VIDA (RELIGIOSA) NO MUNDO DIGITAL? 68
Frei Gustavo Wayand Medella, ofm

O LEGADO ESPIRITUAL DO PADRE RICARDO
ANTONCICH PARA AVRC 79
Bárbara P. Bucker, mc







QUERIDOS JOVENS!

Saudações da CRB Nacional! Alegria, alegria, alegria da Páscoa!

Papa Francisco, no discurso de abertura do Sínodo dos Jovens, realizado em outubro de 2018, exclama: “Queridos Jovens!” E anima-os a se sentirem parte da Igreja. Expressa o Papa: “Desejo também agradecer vivamente aos jovens que neste momento estão conectados conosco e a todos os jovens que fizeram ouvir, de muitos modos, a sua voz. Agradeço-lhes por terem querido apostar que vale a pena sentir-se parte da Igreja ou entrar em diálogo com ela; vale a pena ter a Igreja como mãe, como mestra, como casa, como família, capaz – não obstante as fraquezas humanas e as dificuldades – de fazer resplandecer e transmitir a mensagem sem ocaído de Cristo; vale a pena agarrar-se à barca da Igreja que, mesmo através das tempestades implacáveis do mundo, continua a oferecer a todos refúgio e hospitalidade; vale a pena colocar-se à escuta uns dos outros; vale a pena nadar contracorrente e aderir a valores altos, como a família, a fidelidade, o amor, a fé, o sacrifício, o serviço, a vida eterna”.

Venerável Madre Antonieta Farani, devido às circunstâncias da vida familiar, precisou muito aprender a perdoar, humildemente, conforme a biografia: “Maria Concetta Farani aprendeu, no sofrimento, como perdoar, e transmitiu à sua mãe e irmãs em primeiro lugar e depois às suas co-irmãs passionistas, o grande dom de saber perdoar sempre. Este foi o objetivo de sua vida”.

O tema perdão é também enfatizado na biografia da Bem-Aventurada Clélia Merloni. Escreve a autora do texto: “A capacidade de autopercepção levou a Madre a ser misericordiosa e perdoar as pessoas que a fizeram sofrer; sobretudo por meio das calúnias, viu uma oportunidade





de se exercitar no silêncio, no perdão e na oração. Ela não permitia que se falasse mal das pessoas, mesmo que estas fossem culpadas. Em seus escritos, encontramos uma reflexão que nos é de grande valia: ‘Amem as pessoas que as fizeram sofrer; e não guardem no seu coração nenhum resquício de rancor, de aversão, de vingança ou amargura contra quem quer que seja; não se deem por satisfeitas em não lhes querer mal, mas disponham-se à reconciliação, o mais breve possível...’”

Irmã Penha Carpanedo oferece o texto pascal “Liturgia pascal em uma Igreja pascal - Herança de Medellín”, retomando o conceito de que Páscoa relaciona-se com libertação e com vida nova, não apenas pessoal, mas também social. “Com este entendimento de celebrar como memorial da “Páscoa de Cristo na páscoa do povo e da páscoa do povo na Páscoa de Cristo”, conforme expressão de dom Pedro Casaldáliga, as Comunidades Eclesiais de Base criaram a expressão liturgia-vida, evidenciando uma coerência entre a fé professada e celebrada e a fé feita serviço e profecia. Já na introdução das conclusões de Medellín, o grande enunciado identifica a Páscoa com o movimento de libertação do povo do continente”.

Páscoa é alegria, alegria, alegria! Eugênio Rivas nos traz “A alegria como estilo da tarefa fundamental de anunciar o evangelho - A propósito da Gaudete et Exsultate”. Não há santidade sem alegria. “A missão, a alegria e a santidade caminham juntas. O santo é aquele que tem uma missão e o estilo dessa missão é a alegria. (...) Não é possível pensar a santidade e a missão de evangelizar sem alegria, e não existe alegria autêntica enquanto cada ser humano “não encontra, habita e partilha com todos a luz de Deus” (VG 1)”.

O artigo de Ceci M. C. Baptista Mariani também reflete sobre a santidade, que é para todos os cristãos. No texto ‘Espiritualidade do cristão leigo na evangelização como membro de uma Igreja que se quer em saída’, expressa a autora que “o Capítulo V da Lumen Gentium - Sobre a vocação de todos à santidade na Igreja - vai afirmar que todos os fiéis são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade possível pelo dom do Espírito recebido no batismo. É graça que se exprime como amor a Deus e ao próximo. A santidade é uma vocação que se realiza na relação e não o resultado da busca de uma perfeição individual”.

Pe. José Cristo Rey reflete sobre “O Encanto da Vida Consagrada”. Para o autor, “parece haver um pessimismo diante da vida consagrada como se ela fosse algo que está se acabando. Perde-se o seu encanto, reduz-se o campo de visão devido ao cansaço, da perda do entusiasmo, do frescor da





fé. No entanto, há sinais de vitalidade por toda parte contra o individualismo, na imaginação sobre o futuro, na paixão pela Palavra de Deus, nas biografias encantadoras. Na verdade, na vida consagrada, sente-se a força transformadora da Palavra, o sopro do Espírito que advoga nos consagrados. E, sobretudo, a compreensão da “Missio Dei”, como um encanto especial, faz os religiosos se perceberem não cidadãos de um “chão específico”, mas encantados pela missão, pela comunhão e pela espiritualidade”.

Frei Gustavo W. Medella questiona: “Existe Vida (Religiosa) no Mundo Digital? A resposta à pergunta encontra-se ao longo do texto. Para o autor, “compreender a dinâmica comunicacional que rege a sociedade hodierna é tarefa que se mostra fundamental para quem decide seguir este caminho radical de consagração a Deus e serviço à humanidade. Mais do que compreendê-la a partir do viés prático ou de estratégias comunicativas, faz-se necessária uma reflexão mais profunda para que o religioso e a religiosa possam assumir com qualidade o seu lugar numa sociedade que possui na Comunicação, especialmente aquela mediada pelos novos meios tecnológicos, um elemento fundamental para sua melhor compreensão”.

Irmã Bárbara P. Bucker partilha o “Legado Espiritual do Pe. Ricardo Antoncich para aVRC”. Entre os muitos legados, a autora destaca quatro: o legado da Doutrina Social da Igreja; o legado do discernimento como Orientador Espiritual; o legado de sua intimidade com a oração do Pai-Nosso; o legado da pessoal Opção pelos Pobres na Teologia da Libertação. Ela salienta que “sua existência como ser humano e religioso sacerdote da Companhia de Jesus deixa uma herança rica do legado de ouvir em profundidade, importante em nossos dias, quando o excesso de ‘palavras ruído’ dificulta o ouvir a si mesmo e aos demais como é devido”.

Aos assinantes e às assinantes, aos leitores e às leitoras da Convergência, a Conferência dos Religiosos do Brasil deseja-lhes Feliz Páscoa. A ressurreição de Cristo é a verdadeira esperança do mundo, a esperança que não decepciona. É a força do grão de trigo, a do amor que se humilha e oferece até o fim e que verdadeiramente renova o mundo.





DISCURSO DO PAPA FRANCISCO NA ABERTURA DO SÍNODO DOS JOVENS

FONTE: VATICAN NEWS

Prezadas Beatitudes, Eminências, Excelências!
Amados irmãos e irmãs!
Queridos jovens!

Ao entrar neste auditório para falar dos jovens, já se sente a força da sua presença, que exala positividade e entusiasmo capazes de invadir e alegrar não só este auditório, mas toda a Igreja e o mundo inteiro.

Por isso mesmo, não posso começar sem vos dizer obrigado! Obrigado a vós que estais presentes; obrigado a tantas pessoas, que ao longo dum caminho de preparação de dois anos – aqui na Igreja de Roma e em todas as Igrejas do mundo –, trabalharam com dedicação e paixão para nos fazer chegar a este momento. De coração, obrigado ao Cardeal Lorenzo Baldisseri, Secretário Geral do Sínodo, aos Presidentes Delegados, ao Cardeal Sérgio da Rocha, Relator Geral; ao Bispo D. Fabio Fabene, Subsecretário, aos Oficiais da Secretaria Geral e aos Assistentes; obrigado a todos vós, Padres sinodais, Auditores, Auditoras, peritos e consultores; aos Delegados Fraternos; aos tradutores, aos cantores, aos jornalistas. De coração, obrigado a todos pela vossa participação ativa e fecunda.

Obrigado merecem os dois Secretários Especiais, o padre jesuíta Giacomo Costa, e o padre salesiano Rossano Sala, que trabalharam com generoso empenho e abnegação.





Desejo também agradecer vivamente aos jovens que neste momento estão conectados conosco e a todos os jovens que fizeram ouvir, de muitos modos, a sua voz. Agradeço-lhes por terem querido apostar que vale a pena sentir-se parte da Igreja ou entrar em diálogo com ela; vale a pena ter a Igreja como mãe, como mestra, como casa, como família, capaz – não obstante as fraquezas humanas e as dificuldades – de fazer resplandecer e transmitir a mensagem sem ocaso de Cristo; vale a pena agarrar-se à barca da Igreja que, mesmo através das tempestades implacáveis do mundo, continua a oferecer a todos refúgio e hospitalidade; vale a pena colocar-se à escuta uns dos outros; vale a pena nadar contracorrente e aderir a valores altos, como a família, a fidelidade, o amor, a fé, o sacrifício, o serviço, a vida eterna.

A nossa responsabilidade aqui no Sínodo é não os desmentir; antes, é demonstrar que têm razão em apostar: verdadeiramente vale a pena, verdadeiramente não é tempo perdido!

E, de modo particular, agradeço a vós, queridos jovens presentes! O caminho de preparação para o Sínodo ensinou-nos que o universo juvenil é tão variado que não pode estar aqui totalmente representado, mas vós sois seguramente um sinal importante daquele. A vossa participação enche-nos de alegria e esperança.

O Sínodo que estamos vivendo é um momento de partilha. Assim, no início do percurso da Assembleia sinodal, a todos desejo convidar a falarem com coragem e parresia, isto é, aliando liberdade, verdade e caridade. Só o diálogo nos pode fazer crescer. Uma crítica honesta e transparente é construtiva e ajuda, ao contrário das bisbilhotices inúteis, das murmurações, das ilações ou dos preconceitos.

À coragem de falar deve corresponder a humildade de escutar. Como dizia aos jovens na Reunião Pré-sinodal, “se [alguém] falar de algo que não gosto, ainda o devo ouvir melhor; pois cada um tem o direito de ser ouvido, como cada um tem o direito de falar”. Esta escuta aberta requer coragem para tomar a palavra e fazer-se voz de tantos jovens no mundo que não estão presentes. É esta escuta que abre espaço ao diálogo. O Sínodo deve ser um exercício de diálogo, antes de mais nada entre os que participam nele. E o primeiro fruto deste diálogo é cada um abrir-se à novidade, estar pronto a mudar a sua opinião face àquilo que ouviu dos outros. Isto é importante para o Sínodo. Muitos de vós já prepararam, antes de vir, a sua intervenção – e agradeço-vos por este trabalho –, mas convido a sentir-vos livres para considerar





aquilo que preparastes como um projeto provisório aberto a eventuais acréscimos e alterações que o caminho sinodal possa sugerir a cada um. Sintamo-nos livres para aceitar e compreender os outros e, conseqüentemente, para mudar as nossas convicções e posições: é sinal de grande maturidade humana e espiritual.

O Sínodo é um exercício eclesial de discernimento. Franqueza no falar e abertura na escuta são fundamentais para que o Sínodo seja um processo de discernimento. O discernimento não é um slogan publicitário, não é uma técnica organizativa, nem uma moda deste pontificado, mas um procedimento interior que se enraíza num ato de fé. O discernimento é o método e, simultaneamente, o objetivo que nos propomos: baseia-se na convicção de que Deus atua na história do mundo, nos acontecimentos da vida, nas pessoas que encontro e me falam. Por isso, somos chamados a colocar-nos à escuta daquilo que nos sugere o Espírito, segundo modalidades e direções muitas vezes imprevisíveis. O discernimento precisa de espaços e tempos próprios. Por isso estabeleço que, durante os trabalhos, tanto na assembleia plenária, como nos grupos, depois de cada cinco intervenções se observe um tempo de silêncio – cerca de três minutos – para permitir que cada um preste atenção às ressonâncias que as coisas ouvidas suscitam no seu coração, para aprofundar e apreender o que mais o impressiona. Esta atenção à interioridade é a chave para se efetuar o percurso reconhecer, interpretar e escolher.

Sejamos sinal duma Igreja à escuta e em caminho. A atitude de escuta não se pode limitar às palavras que trocaremos entre nós nos trabalhos sinodais. O caminho de preparação para este momento destacou uma Igreja com déficit de escuta” inclusive para com os jovens, que muitas vezes se sentem não-compreendidos pela Igreja na sua originalidade e, por conseguinte, não aceitos pelo que são verdadeiramente e, às vezes, até rejeitados. Este Sínodo possui a ocasião, a tarefa e o dever de ser sinal da Igreja que se coloca verdadeiramente à escuta, que se deixa interpelar pelas solicitações daqueles que encontra, que não tem uma resposta pré-confeccionada sempre pronta. Uma Igreja que não escuta mostra-se fechada à novidade, fechada às surpresas de Deus, e não poderá ser credível, especialmente para os jovens, os quais, em vez de se aproximarem, afastar-se-ão inevitavelmente.

Deixemos para trás preconceitos e estereótipos. Um primeiro passo rumo à escuta é libertar as nossas mentes e os nossos corações de preconceitos e estereótipos: quando pensamos já saber quem é o outro e





o que quer, então teremos verdadeiramente dificuldade em escutá-lo seriamente. As relações entre as gerações são um terreno onde preconceitos e estereótipos pegam com facilidade proverbial, a ponto de muitas vezes nem nos darmos conta disso. Os jovens são tentados a considerar ultrapassados os adultos; os adultos são tentados a julgar os jovens inexperientes, a saber como são e sobretudo como deveriam ser e comportar-se. Tudo isto pode constituir um forte obstáculo ao diálogo e ao encontro entre as gerações. A maioria dos presentes não pertence à geração dos jovens, pelo que devemos claramente ter cuidado sobretudo com o risco de falar dos jovens a partir de categorias e esquemas mentais já superados. Se soubermos evitar este risco, então contribuiremos para tornar possível uma aliança entre gerações. Os adultos deveriam superar a tentação de subestimar as capacidades dos jovens e de os julgar negativamente. Uma vez li que a primeira menção deste fato remonta a 3000 a.C., tendo sido encontrada num vaso de barro da antiga Babilônia, onde está escrito que a juventude é imoral e que os jovens não são capazes de salvar a cultura do povo. Por sua vez, os jovens deveriam superar a tentação de não prestar ouvidos aos adultos e considerar os idosos “coisa antiga, passada e chata”, esquecendo-se que é insensato querer partir sempre do zero, como se a vida começasse apenas com cada um deles. Na realidade, apesar da sua fragilidade física, os idosos permanecem sempre a memória da nossa humanidade, as raízes da nossa sociedade, o “pulso” da nossa civilização. Desprezá-los, abandoná-los, fechá-los em reservas isoladas ou então ignorá-los é índice de cedência à mentalidade do mundo que está a devorar as nossas casas a partir de dentro. Negligenciar o tesouro de experiências que cada geração herda e transmite à outra é um ato de autodestruição.

Por conseguinte, é preciso, por um lado, superar decididamente o flagelo do clericalismo. De fato, a escuta e o abandono dos estereótipos são também um forte antídoto contra o risco do clericalismo, ao qual uma assembleia como esta, independentemente das boas intenções de cada um de nós, está inevitavelmente exposta. O clericalismo nasce duma visão elitista e excludente da vocação, que interpreta o ministério recebido mais como um poder a ser exercido do que como um serviço gratuito e generoso a oferecer; e isto leva a julgar que se pertence a um grupo que possui todas as respostas e já não precisa escutar e aprender mais nada. O clericalismo é uma perversão e é raiz de muitos males na Igreja: destes devemos pedir humildemente perdão e sobretudo criar as condições para que não se repitam.





Mas, por outro lado, é preciso curar o vírus da autossuficiência e das conclusões precipitadas de muitos jovens. Diz um provérbio egípcio: “Se não houver um idoso na tua casa, compra-o, porque ser-te-á de proveito”. Repudiar e rejeitar tudo o que foi transmitido ao longo dos séculos leva apenas àquele perigoso extravio que está, infelizmente, ameaçando a nossa humanidade; leva ao estado de desilusão que invadiu os corações de gerações inteiras. A acumulação das experiências humanas ao longo da história é o tesouro mais precioso e fiável que as gerações herdaram uma da outra; sem nunca esquecer a revelação divina, que ilumina e dá sentido à história e à nossa existência.

Que o Sínodo desperte os nossos corações! O momento presente, mesmo da Igreja, parece carregado de canseiras, problemas, pesos. Mas a fê diz-nos que é também o kairós no qual o Senhor vem ao nosso encontro para nos amar e chamar à plenitude da vida. O futuro não constitui uma ameaça que devemos temer, mas é o tempo que o Senhor nos promete para podermos experimentar a comunhão com Ele, com os irmãos e com toda a criação. Precisamos reencontrar as razões da nossa esperança e sobretudo de as transmitir aos jovens, que estão sedentos de esperança. Como justamente afirmava o Concílio Vaticano II, “podemos legitimamente pensar que o destino futuro da humanidade está nas mãos daqueles que souberem dar às gerações vindouras razões de viver e de esperar” (Const. past. *Gaudium et spes*, 31).

O encontro entre as gerações pode ser extremamente fecundo para gerar esperança. Assim nos ensina o profeta Joel naquela que considero – lembrei-o também aos jovens da Reunião Pré-sinodal – ser a profecia dos nossos tempos: “Os vossos anciãos terão sonhos e os vossos jovens terão visões” (3, 1).

Não há necessidade de sofisticados raciocínios teológicos para demonstrar o nosso dever de ajudar o mundo atual a caminhar para o reino de Deus, sem falsas esperanças e sem ver apenas ruínas e problemas. De fato São João XXIII, referindo-se a pessoas que avaliam os fatos sem objetividade suficiente nem prudente discernimento, afirmava: “Nos tempos atuais, não veem senão prevaricações e ruínas; vão repetindo que a nossa época, em comparação com as passadas, tem piorado; e comportam-se como quem nada aprendeu da história, que é também mestra da vida” (Discurso na abertura solene do Concílio Vaticano II, 11 de outubro de 1962).





Assim, não nos deixemos tentar pelas “profecias de desgraças”, não gastemos energias a “contabilizar falências e recordar amarguras”, mantenhamos o olhar fixo no bem que “muitas vezes não faz barulho, não é tema dos blogues nem chega às primeiras páginas” dos jornais, nem nos assustemos “diante das feridas da carne de Cristo, sempre infligidas pelo pecado e, não raramente, pelos filhos da Igreja” (cf. Discurso aos Bispos recentemente nomeados que participaram no curso promovido pelas Congregações para os Bispos e para as Igrejas Orientais, 13 de setembro de 2018).

Esforcemo-nos, pois, por procurar “frequentar o futuro” e por fazer sair deste Sínodo não só um documento – que geralmente é lido por poucos e criticado por muitos – mas sobretudo propósitos pastorais concretos, capazes de realizar a tarefa do próprio Sínodo, que é fazer germinar sonhos, suscitar profecias e visões, fazer florescer a esperança, estimular confiança, faixar feridas, entrançar relações, ressuscitar uma aurora de esperança, aprender um do outro e criar um imaginário positivo que ilumine as mentes, aqueça os corações, restitua força às mãos e inspire aos jovens – a todos os jovens, sem excluir nenhum – a visão dum futuro repleto da alegria do Evangelho.

Quarta-feira, 3 de outubro de 2018,
Sala do Sínodo, no Vaticano.



VENERÁVEL MADRE ANTONIETA FARANI

(26/07/1906 - †7/05/1963)

FONTE: [HTTP://SANTOSDOBASIL.ORG.BR](http://SANTOSDOBASIL.ORG.BR)

Maria Concetta Farani aprendeu, no sofrimento, como perdoar, e transmitiu à sua mãe e irmãs em primeiro lugar e depois às suas coirmãs passionistas, o grande dom de saber perdoar sempre. Este foi o objetivo de sua vida.

Seus pais eram italianos e vieram para o Brasil, primeiro o pai, Giuseppe Farani, e mais tarde a mãe, Rafaela Milito, fixando-se em Curitiba, PR. Estabeleceram-se como comerciantes de tecidos, chegando a acumular uma razoável riqueza, fruto de trabalho honesto e operoso.

À Maria, nascida em 26 de julho de 1906, primeira filha, sucedeu Rosa Beatriz e Giovanni. Mas, quando o casal aguardava o nascimento do 4º filho, uma grave e repentina pneumonia levou Giuseppe, deixando a dor na família. Era o dia 16 de setembro de 1913. Dois meses depois nasceu uma menina, que recebeu o nome de Josefina.

O grande golpe surgiu quando Rafaela, atormentada pela perda, foi procurada por pessoas que se apresentaram aparentando retidão e vontade de servir, como responsáveis por assuntos de herança e lhe solicitaram sua assinatura. Sem ter lido o conteúdo, confiante, ela assinou ao pé da folha, agradecendo pela ajuda que estava recebendo. Tais senhores desapareceram e, dias depois, veio a saber que assinara a bancarrota de seu marido, confirmando que ele deixara mais dívidas





que lucros: era a falência, que incluía todas as suas propriedades. A sentença judicial obrigava-a a deixar a casa com todos os seus pertences, acomodando-se em uma pequena casa, de favor, e procurando trabalho para sustentar seus filhos. Mais uma vez foi procurada pelos “dignos senhores”, para nova assinatura; mas, ela, alertada, nada assinou, conseguindo assim salvar alguma coisa tempos depois, na justiça. Para indenizar a falência no momento, seus pertences pessoais, o estoque das lojas, tudo foi arrematado em leilão por preços irrisórios. Na miséria a que foi submetida, à falta de recursos, seu filhinho Giovanni não resistiu e morreu.

Algum tempo depois Rafaela veio a saber que seu cunhado Nicolau, irmão de Giuseppe, e sua esposa Angélica, ambos padrinhos de batismo de Maria, estavam envolvidos na traição, naturalmente sendo beneficiados com sua desgraça. Estes parentes chegaram a se apresentar a Rafaela, confessaram seu envolvimento e pediram perdão. Rafaela apenas disse: “Não te posso perdoar, que Deus te perdoe”. Maria, que havia assistido a cena, ficou perturbada e procurou com muito fervor, diante do sacrário, ajuda para tão grande dor; e o silêncio de Deus, o silêncio que ensina o perdão, despertou em sua alma e se instalou para sempre, fazendo dela a “Apóstola do perdão”.

Por esta ocasião, Maria foi aprovada em concurso para professora e nomeada para uma escola na zona rural, na Várzea do Capivari, para onde a família se mudou. Mais tarde sua irmã Rosa Beatriz também conseguiu cargo semelhante, melhorando sensivelmente a situação financeira da família.

No ambiente de trabalho, Maria entrou em contato com os Padres Passionistas que davam assistência religiosa na região. Uma manhã, quando, em Curitiba, durante a missa, voltada para o altar, vendo a Hóstia consagrada na elevação, percebeu a grande mensagem nas palavras “para o perdão dos pecados”. Saindo da igreja foi procurar seus padrinhos, que a receberam com carinho e repetiram o pedido de perdão. A resposta foi simples; “Deus nos ama, tudo perdoado”. Ao contar a sua mãe o que havia feito, ela também se dispôs, totalmente, ao perdão.

Algumas dificuldades e tropeços ainda se apresentaram, mas a família, sempre contando com a proteção divina, tudo superou.

Com decisão judicial a seu favor, puderam receber o que ainda restava dos bens do pai, e assim sua mãe e suas irmãs voltaram para a Itália, sua terra natal. Nessa mesma época, a jovem Maria seguia outro caminho: tocada pelo Espírito Santo ao receber o sacramento da Crisma em 17





de fevereiro de 1926, aceitou o chamado de Deus e entrou na Congregação das Irmãs Passionistas. Recebeu a vestidura em 14 de agosto de 1927, véspera da festa da Assunção. Em dezembro do mesmo ano fez seus votos secretos, e um ano depois, os votos públicos. Passou a chamar-se Irmã Antonieta de São Miguel Arcanjo.

A Congregação das Irmãs Passionistas foi fundada pela Marquesa Maria Madalena Capponi, em 1771, em Florença, Itália. Seu carisma é “Anunciar o Evangelho da Paixão com a vida e o apostolado”. As Irmãs devem viver total união com Jesus Crucificado, tanto na oração como no trabalho cotidiano, dedicando-se e à obra educativa e assistência a menores carentes. Seu trabalho também se desenvolve em hospitais, asilos e atividades paroquiais. As Irmãs passionistas estão no Brasil desde 7 de dezembro de 1919.

A atividade de Maria Farani, agora Irmã Antonieta, se tornou intensa, passando do cuidado com crianças, delinqüentes, idosos, doentes, sempre intercalando horas seguidas de oração e adoração diante do sacrário. Passou por várias casas da Congregação, seja como superiora de Hospital, seja de Colégio ou Asilo. Em carta para sua mãe diz: “Minha felicidade não mudou!...Vou de um lugar para outro, de um ofício para outro e minha alma não se move do seu centro. Deus está em nós e nós Nele”.

Após a profissão perpétua, depois de muita insistência, com a anuência da Superiora Provincial, conseguiu de seu confessor a licença de emitir o Voto do Amor. Por esse voto, nada mais faria a não ser movida pelo amor mais puro e consagrado ao Divino Esposo

Sua vida foi profundamente marcada pela Eucaristia, e esta sempre lhe falava do perdão de Deus. Sua maior alegria era permanecer diante do sacrário, e saber que vivia sob o mesmo teto que Jesus sacramentado, respirando e vivendo nessa mesma atmosfera.

Como Conselheira ou delegada para os capítulos gerais da Congregação, Irmã Antonieta por três vezes teve que viajar à Itália, onde reencontrou a mãe e as irmãs. Após ter sido nomeada Superiora Provincial das Irmãs passionistas no Brasil em 1º de janeiro de 1963, sentiu os primeiros sintomas de uma grave doença: um tumor no cérebro, que a deixou cega. Apesar do mal contraído, como superiora continuava a orientar suas religiosas. Seu sofrimento era silencioso, todo entregue a Cristo Crucificado; ela se sentiu presa, também na cruz, junto a Ele. Também com Jesus, entregou o perdão e imolou-se pelos pecadores.





Consciente de que estava no fim, se dispôs toda ao Divino Salvador e, recebendo o Viático, se entregou a Deus: era o dia 7 de maio de 1963.

Seu corpo foi levado para o cemitério São Paulo, no jazigo da Congregação. A 4 de fevereiro de 1980 processou-se a transladação para a capela do Colégio Santa Luzia, onde ela iniciou sua vida religiosa. Junto a uma placa de bronze com os dados essenciais da sua vida e a frase extraída do seu diário: “Perdida no oceano imenso de suas graças”.

Irmã Antonieta deixou páginas de grande fervor e amor em seu diário, como também cartas dirigidas a sua mãe. Sua devoção a Maria Santíssima e à Eucaristia se refletem em doces orações que podem também nos levar ao grande amor de Deus.

Oração

Ó Jesus, que do seio do Pai, trouxestes à terra o fogo do Vosso Amor,

desejando ardentemente incendiar todos os corações e com ele abrasastes o coração de vossa fiel serva Irmã Antonieta, transformando sua vida num holocausto de amor para convosco e para com os irmãos, concedei-me a graça de Vos amar acima de tudo e de todos e de imolar-me para a salvação de meus irmãos, assim como

Vós vos entregastes à morte por mim.

Dignai-vos glorificar vossa serva Irmã Antonieta, e concedei-me por seus méritos e por sua intercessão a graça ... (pedir a graça desejada), que humilde e confiadamente Vos peço. Amém.





LUMINOSO TESTEMUNHO DO EVANGELHO BEM-AVENTURADA CLÉLIA MERLONI

IR. MARIA VILMA RAVAZZOLI, ASCJ¹

A Bem-Aventurada Clélia Merloni, Fundadora do Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, nasceu em 10 de março de 1861, na cidade de Forlì, Itália; única filha de Maria Teresa Brandinelli e Gioacchino Merloni, um rico industrial. Aos 3 anos de idade, ficou órfã de mãe; assim, foi confiada aos cuidados da avó materna e da madrasta Maria Giovanna Boeri, uma mulher piedosa e muito bondosa.

Em 1872, contando 11 anos de idade, Clélia ingressou no internato das Irmãs da Visitação, em San Remo, onde foi educada e recebeu a Primeira Comunhão e a Confirmação do Batismo. Nesse período já se observava em Clélia um grande amor a Jesus Eucarístico e aos pobres; rezava sobretudo pela conversão do pai, que se preocupava muito com os negócios em detrimento da vida espiritual.

Embora contra a vontade do Sr. Gioacchino, Clélia ingressou, em 1883, na Congregação das Filhas de Nossa Senhora das Neves, na cidade de Savona, com o objetivo de seguir a Vida Religiosa e se dedicar às obras de caridade. Em fevereiro de 1887, um terremoto destruiu o convento e Clélia teve seu estado de saúde abalado, seu pai foi buscá-la e levou-a para casa.

No ano seguinte, 1888, com o apoio financeiro do pai, Clélia abriu um orfanato, em Gênova, para ensinar e cuidar de crianças pobres, mas o fechou no ano seguinte em meio a problemas legais. No ano

1 Irmã Maria Vilma Ravazzoli é Apóstola do Sagrado Coração de Jesus, Curitiba/PR.





de 1892, Clélia entrou na Congregação das Filhas de Santa Maria da Divina Providência, fundada pelo Beato Dom Luigi Guanella. Clélia cuidava dos órfãos, pelos quais dedicava especial atenção.

No final de 1893, ainda no convento da Divina Providência, Clélia, aos 32 anos de idade, caiu doente de tuberculose, e os médicos afirmaram que não havia possibilidade de cura, somente se fosse um milagre. Em meio à insegurança sobre sua saúde e sobrevivência, Clélia confiou ao seu confessor o desejo que trazia no coração de fundar uma congregação religiosa para a glória do Sagrado Coração de Jesus. Ele a aconselhou a realizar, juntamente com um grupo de órfãos, uma novena ao Imaculado Coração de Maria. Pelas orações, a Santíssima Mãe recuperou sua saúde, e ela entendeu como uma confirmação de que a fundação de uma nova obra era a vontade de Deus. Ao término da novena, Clélia estava milagrosamente curada.

Em 30 de maio de 1894, em Viareggio, Itália, Clélia Merloni fundou o Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus. Contando com o aporte financeiro do pai, em pouco tempo as obras e o número de Irmãs se expandiram.

Com a morte do pai, em junho de 1895, após ter se convertido e recebido os Sacramentos, Madre Clélia passou a ser a única herdeira dos bens do Sr. Gioacchino. Ela optou por não administrar os bens e os confiou a um sacerdote que, em pouco tempo colocou tudo a perder e fugiu para a França. À Madre Clélia coube responder processos, teve seu nome difamado em jornais da cidade, precisou fechar obras... De sessenta Irmãs que eram, restaram apenas onze. Madre Clélia e as onze Irmãs, as doze Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus deram continuidade à missão iniciada. Foi um período de purificação e de muitos sacrifícios.

Fortificou-se ainda mais a identidade de Apóstolas como os Apóstolos. As Irmãs iam de duas em duas nas Dioceses a solicitar licença do Bispo para pedir esmolas, a fim de não fecharem as poucas obras que ainda restaram. Nesse ínterim, as Irmãs conheceram Dom João Batista Scalabrini, em Piacenza, o qual se interessou pela situação do Instituto e da Madre. Por solicitação de Dom Scalabrini, as Irmãs foram enviadas para o Brasil (1900) e para os Estados Unidos (1902) no intuito de prestar assistência aos imigrantes italianos.

Com o passar dos anos, o Instituto foi se fortalecendo sobretudo sob a confiança e o abandono ao Sagrado Coração de Jesus. No Brasil, as obras tiveram sua expansão inicial acompanhada por Madre Clélia





que, mesmo à distância, enviava cartas e conselhos às Irmãs que se encontravam nos Estados de São Paulo e Paraná.

Recordai-vos que, de todas as obras de zelo que poderíeis realizar, prefiro a obra íntima e escondida da vossa santificação, saber que sois dóceis, humildes, submissas em tudo à vontade da vossa superiora, que vos representa Deus. Concordo plenamente com aquele Santo que dizia: ‘o bem não faz barulho, e o barulho não faz bem’. Portanto, mesmo querendo que gozeis da estima de quem vos circunda, para a honra da religião e do Coração de Jesus, rezo continuamente, ao Senhor, para que vos mantenha na humildade, na vida escondida e permita que exerçais um verdadeiro apostolado, não tanto aos olhos das criaturas, quanto no segredo da consciência.²

Na Itália, o clima interno do Instituto não era sereno. Havia interferência de sacerdotes no andamento das obras, havia rumores e críticas sobre a pessoa da Madre, em razão do desastre financeiro e dos diversos processos que foi obrigada a responder. A Igreja, por três vezes, realizou visitas apostólicas no Instituto, porém em nenhuma das vezes a Madre foi ouvida. Os pareceres dos visitantes apostólicos responsabilizaram a Madre pela divisão do Instituto por ela fundado. A Madre foi afastada do serviço de Superiora Geral, foi isolada e foi proibida de comunicar-se com as Irmãs. Correspondências? Suas cartas foram queimadas. Falar do seu nome? Isso não era permitido. Quando, nas visitas apostólicas, alguma Irmã demonstrava respeito e estima pela Madre, essa Irmã era despedida do Instituto. Todas essas situações e outras talvez desconhecidas por nós levaram Madre Clélia ao exílio. Ela ficou por doze anos (1916–1928) exilada do Instituto que ela própria fundou.

Madre Clélia Merloni viveu no anonimato e na simplicidade; sua reputação e sua memória foram obscurecidas pelas calúnias e incompreensões. Ela, porém, confiando ilimitadamente no Sagrado Coração de Jesus, manteve-se “sempre igual a si mesma”³, acolhendo todos os acontecimentos como permitidos por Deus para seu bem e do Instituto, pelo qual deu a vida. Em diversas circunstâncias nossa Madre aconselhou: “Sejam generosas com Jesus. Não recusem nada do que Ele lhes pede, ainda que seja a própria vida”⁴.

2 Cf. AGASSO, Domenico, 2018, p. 76 – Parte da carta que Madre Clélia endereçou às Irmãs que se encontravam no Brasil.

3 A expressão “sempre igual a si mesma” é usada por Madre Clélia, em seus escritos, como exortação para manter o equilíbrio e a serenidade, na forma de ser e de agir, independentemente das situações adversas.

4 Cartas de Madre Clélia - Volume 6, Carta n° 09.





Em 1928, a Madre foi readmitida ao Instituto e veio a falecer em 21 de novembro de 1930. Passou seus últimos anos em oração e no esconhecimento. Preocupava-se que fosse mantida acesa a lâmpada do Santíssimo Sacramento, diante do qual passava horas e horas em adoração.

É notável o grande amor e a capacidade de entrega vividos por Madre Clélia; sua maternidade espiritual a transcendia e a elevava acima de tudo o que era passageiro para viver o “Deus Só!”, seu lema de vida. “Deus Só!” não era uma ideia, uma expressão vaga, era um caminho de vida, uma decisão, um empenho diário por deixar Deus ser o absoluto de sua vida, de seus pensamentos, palavras e ações. Este lema foi enraizado no coração da Madre, que todos os fatos eram vistos por ela como passageiros e como sombra diante da eternidade do amor de Deus que a esperava na Pátria Celeste:

Coragem e confiança no Senhor, que tudo permite para o nosso bem, mesmo as tribulações e cruces. Ele nos assiste e nos dá a força necessária, para podermos adquirir muitos méritos para o céu. Sim, nossa única consolação, no meio de tantas misérias da vida, é o pensamento de uma eterna recompensa no céu, recompensa que será tanto maior quanto mais intensos os sofrimentos.⁵

Consciente de suas limitações e fraquezas, Madre Clélia não se apoiava em si, pois sabia que poderia cair, desanimar e fracassar. Assim sendo, ela se amparava em Deus e deixava-O agir.

Conhecendo minha fraqueza, não posso apoiar-me em mim mesma; não posso fazer cálculo algum sobre minhas forças; não posso expor-me às ocasiões de queda; mas coloco toda a minha confiança em Deus, sabendo que Ele prometeu Seu socorro a quem somente Nele confiar. Deste modo, espero tornar-me forte, da força do próprio Deus, e poder dizer com o Apóstolo Paulo: ‘Tudo posso Naquele que me fortalece’.⁶

Sua vida era voltada para cumprir o que Deus queria para ela, procurava ver e acolher as situações e pessoas como instrumentos enviados pelo próprio Deus para lhe ensinar algo. “Não acusemos as criaturas do que Deus faz por seu intermédio. Elas são apenas instrumentos nas mãos de Deus. Qualquer tribulação, seja causada pela natureza, seja pelos homens, física ou moral, é sempre permitida por Deus e instrumento da divina vontade”⁷.

5 Manuscrito Grande, Apêndice pp 7.

6 Diário, p. 167.

7 Manuscrito Grande I, p. 150.





A capacidade de autopercepção levou a Madre a ser misericordiosa e perdoar as pessoas que a fizeram sofrer; sobretudo por meio das calúnias, viu uma oportunidade de se exercitar no silêncio, no perdão e na oração. Ela não permitia que se falasse mal das pessoas, mesmo que estas fossem culpadas. Em seus escritos, encontramos uma reflexão que nos é de grande valia:

Amem as pessoas que as fizeram sofrer; e não guardem no seu coração nenhum resquício de rancor, de aversão, de vingança ou amargura contra quem quer que seja; não se deem por satisfeitas em não lhes querer mal, mas disponham-se à reconciliação, o mais breve possível; não demorem em procurá-las, não obstante tenham elas mais culpa do que vocês; tenham para com elas um amor sincero, um coração cheio de caridade e procurem todas as ocasiões para ajudá-las...⁸

É admirável o imenso amor, não sem esforço de sua natureza humana, com que Madre Clélia tratava as pessoas que a circundavam. Ela via sempre uma oportunidade para fazer apostolado, quer por um gesto, um olhar, uma palavra ou até mesmo o silêncio, quando calava em vez de expressar uma crítica ou reclamar sobre algo que lhe desagradava. Tinha a concepção de que, quando a pessoa estava envolvida pelo amor de Deus, não tinha outro desejo a não ser de ver Deus conhecido, amado e servido por todos. Assim, toda e qualquer ocasião era meio propício para se exercer o apostolado. Há uma citação da Madre que nos soa como um eloquente apelo - “Levai a todos um raio da ternura do Coração de Jesus”. Com isso, a Madre deixa explícita sua intencionalidade no ato evangelizador e missionário que é deixar em evidência o Sagrado Coração de Jesus e Seu amor pela humanidade. Para Madre Clélia, cada ato de amor é uma forma de zelo e de apostolado que não se pode passar em vão.

Há o apostolado do bom exemplo: e quem não pode com sua doçura e virtudes mostrar ao mundo como a religião é bela... e, portanto, induzir as pessoas a amá-la e a praticá-la? Há o apostolado dos bons conselhos: e quem não tem ocasião de dá-los, ora a um pobre, exortando-o a confiar nas riquezas do céu..., ora a um igual ou mesmo a alguém que nos é superior, em certos momentos de dura perplexidade, nos quais a amizade dispõe a pessoa a acolher bem uma palavra amiga?⁹

A humildade foi uma das virtudes que a Madre mais se esmerou em praticar; dizia que “sem humildade não há santidade”. Tanto para as

⁸ Manuscrito Grande II, p. 111.

⁹ Manuscrito Grande I, p. 120.





relações dentro da comunidade religiosa como no apostolado externo, a humildade é essencial para se manter os vínculos fraternos e ter harmonia no trato e nas palavras. Sem humildade, os atos de sacrifício e de amor ao próximo se tornam um peso; pois a pessoa humilde acolhe as situações adversas com resignação e compreende que, sendo pequena e frágil, não deve almejar reconhecimento das pessoas, pois se consola com o olhar de Deus que tudo vê e tudo sabe.

A humildade é utilíssima para nos fazer suportar cristãmente todas as provações da vida. Quem é orgulhoso nada sabe suportar: aborrece-se e se revolta contra a cruz; não quer compreender que merece sofrer, que o sofrimento é uma necessidade... E Deus, que sente horror pelo pecado de orgulho, abandona a criatura ao seu mau humor e às suas impaciências. A pessoa humilde, ao contrário, recebe a cruz com resignação; reconhece que, sendo pecadora, é justo que sofra; que todo sofrimento é nada comparado com o que mereceria...¹⁰

Madre Clélia viveu a humildade como um voto professado, ela acolheu na fé e na generosidade as calúnias, humilhações e perseguições... Foi um grão de trigo que se deixou enterrar, morrer, ser esquecido... Ela confiou que sua defesa e salvação estavam em Deus e não nas pessoas e nos bens materiais. Foi desapegada de tudo e de todos, tanto que para ela só importava “Deus Só!”.

“Deus Só!” tomou conta de todo ser e agir de Madre Clélia. Constatou-se, hoje, em seu corpo mortal, o grande poder de Deus em sua vida: na fragilidade de uma mulher de saúde abalada, Deus tornou seu corpo incorrupto; diante da difamação e da negação de sua existência, seus escritos revelam a grandeza de uma alma orante, contemplativa e de ardor missionário. Ela morreu gerando vida, gerando vida em abundância. Hoje somos os frutos do sacrifício e da entrega desta mulher que não poupou nada de si, mas viveu como oferta livre e generosa a Deus e aos irmãos, sobretudo o deixar-se conduzir pela vontade alheia, sem manifestar seus gostos e preferências.

A Bem-Aventurada Clélia Merloni é para a Igreja modelo de fé, obediência, perdão e docilidade. Sua maternidade espiritual transparece em todos os seus escritos que, sempre apoiada nos textos bíblicos, fazia profundas contemplações e as remetia às Irmãs, a fim de encorajá-las na prática das virtudes e na fiel correspondência à ação da graça de Deus no lugar teológico onde cada uma se encontrava e se encontra hoje.

¹⁰ Manuscrito Grande I, p. 40.





Podemos afirmar que a Bem-Aventurada Clélia Merloni foi uma “mulher bíblica”: tinha, em quatro volumes, a Bíblia Sagrada, algo raro para uma mulher de sua época; ela lia, meditava, rezava e contemplava os textos bíblicos. Quando escrevia às Irmãs, citava as passagens bíblicas e, a partir destas, dava suas orientações. Pelos testemunhos das Irmãs que viveram mais próximas a Madre, o que ela escrevia era fruto da sua vivência e intimidade com Deus.

Nas Palavras do papa Francisco temos um resumo da vida de nossa Madre: “Uma mulher totalmente entregue à vontade de Deus, zelosa na caridade, paciente nas adversidades e heroica no perdão. Agradecemos a Deus pelo luminoso testemunho do Evangelho da nova Beata, e sigamos o seu exemplo de bondade e de misericórdia. Um aplauso à nova Beata!”¹¹

Deixo-lhes a bênção da bem-aventurada Clélia Merloni: “Eu as abençoo, colocando-as na Chaga do Peito Sagrado de Jesus, a fim de que seus inimigos espirituais nenhum mal lhes possam causar. Abrasem-se naquela Fornalha de Amor puro, santo, divino, que as santificará: é o que lhes deseja sua afeiçoadíssima Madre Clélia”.¹²

www.madreclelia.org

11 Para Francisco, Roma, Angelus 04/11/2018.

12 Cartas de Madre Clélia - Volume 6, Carta n° 09.





LITURGIA PASCAL EM UMA IGREJA PASCAL

HERANÇA DE MEDELLÍN

PENHA CARPANEDO, PDDM¹

Um novo jeito de ser Igreja

Em setembro passado celebramos 50 anos da II Conferencia do Episcopado Latino-americano, realizada de 24 de agosto a 6 de setembro de 1968, em Medellín, na Colômbia, sob o tema: “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II”. Esta comemoração se dá em tom profético, dada a atual conjuntura política e social em que vivemos e devido também ao pontificado de Francisco, que convoca a Igreja a uma nova “reconstrução” em tempos de retrocesso e de negação do Concílio e do próprio Evangelho.

Com Medellín nasce a Igreja da América Latina que, até então, segundo Clodovis Boff, era uma reprodução do modelo da Igreja europeia, em seu modo de organização, em sua problemática teológica e em suas propostas pastorais; uma igreja em estado de minoridade, tutelada, privada de sua legítima autonomia institucional. Os Documentos de Medellín representam o “ato de fundação” da Igreja da América Latina (AL) a partir e em função de seus povos e de suas culturas.²

1 Penha Carpanedo, da Congregação Discípulas do Divino Mestre, é mestra em Liturgia, membro da Rede Celebra de animação litúrgica, redatora da Revista de Liturgia e dedica-se à formação litúrgica de comunidades e dioceses.

2 Cf. Clodovis Boff Fonte: <http://servicioskoinonia.org/relat/203p.htm>





Situada no contexto da recepção do Concílio Vaticano II, é importante destacar que em Medellín não se tratou de uma submissa aplicação do Concílio na Igreja do Continente, mas de rever a presença da Igreja na América Latina, inspirando-se no Concílio para traçar caminhos e definir passos com atenção aos sinais dos tempos e aos desafios da história. Medellín faz uma “*recepção fiel*”, “*criativa*” e “*seletiva*”, conforme o contexto eclesial latino-americano. O ponto de partida não é o Concílio, e sim a realidade social em que vivem os povos deste lugar.³

O modelo cunhado por Medellín é de uma ‘Igreja da libertação’ que nasce do seguimento de Jesus Cristo, Servo Sofredor, identificada e solidária com o povo crucificado, injustiçado, vivendo em situações desumanas, em busca de melhores condições de vida. Como discípula do Verbo encarnado em nossa humanidade, a Igreja assume a missão de ajudar o povo, não apenas com obras de assistência paliativa, mas participando de sua luta para libertar-se desta situação de opressão, por ser contrária à proposta evangélica do Reino de Deus. Sabemos que esta postura da Igreja foi causa de muitos conflitos e muitos martírios. Ficou conhecida a famosa frase de dom Helder: “quando dou comida aos pobres me chamam de santo. Quando pergunto por que eles são pobres, chamam-se de comunista”.

O eixo central de Medellín é a relação **fé** e **vida**, a qual provocou uma nova maneira de ser Igreja, impulsionada pelo Pacto das Catacumbas, que se deu semanas antes do encerramento do Concílio, no dia 16 de novembro de 1965, nas Catacumbas de Santa Domitila, na periferia de Roma. Após a celebração eucarística, um grupo de padres conciliares, de maneira discreta, assinou um compromisso que ficou conhecido como Pacto das Catacumbas. Este compromisso de ser Igreja pobre, a serviço dos pobres foi assinado primeiramente por 42 bispos e posteriormente assumido por cerca de 500, dos 2500 presentes no Concílio.

Os anos que se sucederam a Medellín foram de grande busca por uma Igreja de rosto próprio, profética, inserida no meio dos pobres, militante contra as forças da morte e a favor da vida, pascal, e, por isso, também martirial. As comunidades Eclesiais de Base se constituíram, neste ambiente eclesial, em pequenas fraternidades de vida e de serviço, contribuindo para a descentralização do clero, graças ao protagonismo leigo.

Deste novo jeito de ser e de agir eclesial, despontou a teologia da libertação, à luz da opção pelos pobres, um novo método de fazer teo-

3 Cf. Oscar Beoso <http://www.servicioskoinonia.org/relat/202.htm>





logia, o conhecido Ver, Julgar, Agir, que parte da realidade, dialoga com os dados da Escritura e da tradição e volta para a prática, iluminando e qualificando a ação pastoral.

Um novo jeito de celebrar

Nesse novo cenário eclesial, também a liturgia ganhou fisionomia própria. Coerente com o eixo fé-vida a liturgia de Medellín associa, de maneira clara, a Páscoa de Cristo e a páscoa do povo. E aponta também para o inseparável vínculo que há entre a Igreja e a liturgia. Ao fazer opção pelos pobres, indica o pobre como sujeito neste novo cenário litúrgico. Isso exigirá da liturgia um estilo despojado, à altura do mistério celebrado, a memória do Verbo feito Servo, solidário com os pobres.

Páscoa de Cristo, páscoa do povo

Com este entendimento de celebrar como memorial da “Páscoa de Cristo na páscoa do povo e da páscoa do povo na Páscoa de Cristo” conforme expressão de dom Pedro Casaldáliga, as Comunidades Eclesiais de Base criaram a expressão liturgia-vida, evidenciando uma coerência entre a fé professada e celebrada e a fé feita serviço e profecia. Já na introdução das conclusões de Medellín, o grande enunciado identifica a Páscoa com o movimento de libertação do povo do continente:

Assim, como outrora Israel, o antigo Povo, sentia a presença salvífica de Deus quando ele o libertava da opressão do Egito, quando o fazia atravessar o mar e o conduzia à conquista da terra prometida, assim também nós: novo povo de Deus não podemos deixar de sentir seu passo que salva, quando se dá o “verdadeiro desenvolvimento” que é, para cada um e para todos, a passagem de condições de vida menos humanas para condições mais humanas...⁴

Trata-se de uma chave de leitura para todo o documento, especificamente para o capítulo 9, que tratou da liturgia, com ênfase justamente nesta perspectiva pascal. Vejamos algumas afirmações:

- no momento atual da AL, como em todos os tempos, a celebração litúrgica comporta e coroa um compromisso com a realidade humana, com o desenvolvimento e com a promoção;
- [a liturgia deve] “manter-se numa situação dinâmica que acompanhe tudo o que houver de são no processo de evolução da humanidade”;

4 CELAM, conclusões de Medellín, São Paulo: Paulinas, 1984, 5ª edição,. Da Introdução, p. 7..





- [deve] “conduzir a uma experiência vital da união entre a fé, a liturgia e a vida cotidiana, em virtude da qual chegue o cristão ao testemunho de Cristo”.

A renovação litúrgica à luz de Medellín não podia se limitar à tradução dos livros litúrgicos, precisava inculturar-se na realidade do povo em novo contexto eclesial. A liturgia não pode ser vivida como momento individual no âmbito interno da Igreja, requer atenção para *perceber os sinais da páscoa* nos acontecimentos da vida pessoal, comunitária, social. Portanto, não basta executar formalmente os ritos, requer tomada de posição em relação aos problemas sociais que afligem a população, principalmente os pobres. Supõe um compromisso com a libertação social, política, cultural e religiosa.⁵

As CEBs foram pioneiras no esforço de unir a fé vivida no cotidiano e nas grandes lutas, com a fé celebrada. À medida que se inseriam no processo de transformação das “situações menos humanas, para situações mais humanas” buscaram uma liturgia que sustentasse esse engajamento, que fosse cume e fonte das suas lutas e vitórias. Assim, aos poucos foi se construindo um jeito novo de celebrar o mistério da nossa fé.

Expressão significativa desse novo cenário litúrgico são as grandes celebrações dos Intereclesiais, que reúnem, a cada 4 anos, milhares de pessoas do Brasil e de outros países. São celebrações marcadas pela beleza dos símbolos, dos gestos, da música, da dança, pela relação vida e liturgia “sem instrumentalizá-la, sem quebrar a coluna vertebral da gratuidade, da liberdade, da beleza contemplativa”.⁶ Esta experiência resulta de um longo processo que inclui estudo e prática, para superar o desafio de confundir discurso político com profecia, para dar a cada celebração um tom profético, sem deixar de ser orante e contemplativo.

Participação e novos ministérios

Nesta liturgia decorrente de Medellín, o pobre tem lugar como sujeito da liturgia: participando ativamente, preparando as celebrações, assumindo ministérios.

A II Conferência de Medellín⁷ pouco falou de ministérios leigos, mas reconheceu que a participação dos leigos na Igreja decorre do seu sacerdócio batismal e não de alguma concessão. Fazendo clara opção pela Comunidade Eclesial de Base, Medellín afirma a exigência de “multiplicidade de

5 Cf. CNBB. Animação da vida litúrgica no Brasil, Doc. n. 43, n. 194.

6 LIBÂNIO, João Batista. Cenários da Igreja. São Paulo: Loyola, 2001, p. 107.

7 CELAM, conclusões de Medellín, São Paulo: Paulinas, 1984, 5ª edição, p. 153.





funções específicas para que ela se construa e possa cumprir sua missão”. De fato, as sementes da diversidade ministerial plantadas pelo Concílio, e que já começavam a florescer também na América Latina, ganharam novo vigor a partir de Medellín. O ambiente das Comunidades Eclesiais de Base foi muito propício para o surgimento e o fortalecimento dos ministérios leigos, dentro e fora da Igreja, litúrgicos ou não.

Depois do Concílio, com a Carta Apostólica de 1972 [*Ministeria quaedam*], Paulo VI, que aboliu as ordens menores, e recriou os ministérios de leitor e acólito destinados também aos leigos, outros ministérios foram criados e “reconhecidos/confiados” [não instituídos], acolhendo desta forma a inclusão das mulheres.⁸ Paulo VI faz uma lista destes novos ministérios na *Evangelii Nuntiandi* [1975]:

Tais ministérios, novos na aparência, mas muito ligados a experiências vividas pela Igreja ao longo da sua existência, por exemplo, os de catequistas, de animadores da oração e do canto, de cristãos devotados ao serviço da Palavra de Deus ou à assistência aos irmãos em necessidade, ou ainda os de coordenadores de pequenas comunidades, de responsáveis por movimentos apostólicos, ou outros responsáveis, são preciosos para implantação, para a vida da Igreja [EN 73,6].

Afirma-se a identidade própria dos ministérios não ordenados com sua autonomia e consistência própria, não somente pela falta de presbíteros, mas pela força do Espírito, que suscita carismas, os quais são colocados à disposição da comunidade em resposta a novos desafios, em novo contexto eclesial.

Na vida litúrgica da Igreja do Brasil, a atuação dos leigos se expressa em diversos serviços, como os de leitores, salmistas, cantores e instrumentistas, acólitos, ministros extraordinários da comunhão. Também como ministros do batismo e assistentes na celebração do matrimônio, como coordenadores do Ofício Divino, de Exéquias, da Celebração Dominical da Palavra. Leigos e leigas compõem as equipes de liturgia, paroquiais e diocesanas e, além disso, contribuem na pastoral litúrgica, com formação, articulação e animação.

Considerando que dois terços das nossas comunidades não têm a celebração da Ceia do Senhor todos os domingos, destaca-se o ministério de coordenação da celebração da Palavra no Dia do Senhor. Muita importância é dada a estas celebrações, para qualificá-las, tanto do ponto de vista teológico-pastoral, quanto no aspecto da ritualidade e da capacitação de quem exerce o serviço da presidência.

8 Cf. CNBB, doc. 62. Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas. São Paulo: Paulinas, n. 88.





Sobriedade e beleza

Ao afirmar que a liturgia “é o momento em que a Igreja é mais perfeitamente ela mesma” (Med II,3), Medellín reafirma a relação indissociável entre liturgia e modelo de Igreja, de tal maneira que numa Igreja pobre e a serviço dos pobres, a liturgia terá que ser sóbria e despojada.

Só uma liturgia despojada pode ser fonte, pode educar a comunidade para uma vida segundo o Evangelho, a serviço do reino. Afinal, a liturgia é memória do Crucificado-Ressuscitado, que venceu a injustiça e a iniquidade deste mundo colocando-se do lado dos indefesos, dos excluídos, dos estigmatizados. Ele morreu porque defendeu os pequenos e dessa maneira feriu os interesses dos poderes constituídos.

As assembleias litúrgicas de grande parte de nossas comunidades são gente simples, de mãos calejadas pelo trabalho, que enfrentam a dureza do dia a dia pela sobrevivência, que moram em casas simples. Há uma estreita conexão entre o mistério do Verbo que se fez Servo e o povo que traz em seu próprio corpo as marcas da paixão. Portanto, ao fazer memória daquele que se rebaixou, o tom ostensivo é, no mínimo, contraditório.

Contudo, sobriedade não tem nada a ver com feiura ou desleixo. Ao contrário, combina com beleza e com arte. Neste sentido é fundamental cuidar do espaço, das vestes, dos utensílios, fazendo uso de materiais locais, evitando produtos sofisticados e caros. Lembro-me que, na década de 90, a casa de oração do povo da rua, próximo à estação da Luz, em São Paulo, foi equipada com material reciclado e resultou num ambiente orante, de muita beleza.

A teologia litúrgica

Com base na teologia da libertação, também o estudo da liturgia buscou inspiração no método indutivo de partir da realidade para refletir sobre a fé. Contudo, o ponto de partida da teologia litúrgica é a própria celebração. Dessa forma, seguindo a intuição das catequeses mistagógicas dos chamados Pais da Igreja, fez-se um longo caminho para chegar a consolidar um método de estudar liturgia a partir do rito. Mas o rito, antes de ser um imperativo teológico, é um *dado antropológico*. O rito dá um acesso à realidade, de uma forma não racionalista, não especulativa, mas corporal, existencial, vital. Portanto, de um lado, o estudo da liturgia parte do rito, em conexão com a realidade na qual ele está inserido nesta nova experiência de celebrar e, de outro, busca na tradição a necessária iluminação e aprofundamento, para voltar à prática com maior qualidade teológica e densidade espiritual.





Uma experiência em destaque: o Ofício das Comunidades

O Ofício Divino das Comunidades (ODC) é certamente um exemplo bem sucedido de liturgia inculturada, nos moldes do novo Jeito de celebrar decorrente de Medellín. Completando em dezembro passado 30 anos desde a sua primeira edição, tem proporcionado às comunidades uma referência de oração bíblica e litúrgica, eclesial e popular, fonte de piedade e de vida cristã.

O ponto de partida para o início da sua elaboração em 1987 foi a experiência da comunidade de Ponte dos Carvalhos, na periferia de Recife, que tinha a experiência de uma oração diária, com o nome de Ofício Divino. Conduzida pelo então Pároco, o padre Geraldo Leito, do clero da diocese de Olinda e Recife, a experiência deste ofício caiu no gosto do povo, pela simplicidade da sua estrutura, pela beleza da música e dos instrumentos profundamente em sintonia com o sentido de cada salmo e dos hinos, a serviço da oração. O irmão Michel, então prior da Comunidade de Taizé na Bahia, que conheceu a comunidade quando ainda morava em Olinda, pôde testemunhar: “Na década perturbada dos anos 70, num bairro pobre da periferia da grande Recife, esse Ofício tinha mais regularidade e beleza litúrgica do que a oração de muitas comunidades religiosas”.⁹

Uma equipe liderada pelo monge Marcelo Barros assumiu o trabalho de dar forma a esta experiência, propondo-a para outras comunidades da Igreja do Brasil. O trabalho consistiu, num primeiro momento, em juntar salmos, cânticos bíblicos, hinos e responsos que se cantavam em Ponte dos Carvalhos, da autoria de Geraldo Leite, Reginaldo Veloso, Jocy Rodrigues e outros compositores que buscaram nas raízes musicais da cultura brasileira a inspiração para suas composições. Depois foi preciso completar este material, elaborar roteiros que contemplassem as horas da manhã e da tarde ao longo de todo o ano litúrgico. Isso foi feito seguindo três critérios:

- O primeiro foi seguir a Liturgia das Horas reformada pelo Concílio Vaticano II, buscando inspiração também nos primeiros séculos, nos chamados Ofícios das Catedrais, com sua forma simples e popular, que permitia a participação do povo. A respeito desta tradição, a Constituição Litúrgica do Concílio Vaticano II afirma que “Jesus Cristo une a si toda a humanidade e a associa

⁹ BERGMANN, Michel. Geraldo, irmão de todos. Em: Revista de Liturgia, n. 86, p. 56.





ao seu cântico de louvor. E continua exercendo este sacerdócio na Igreja que louva o Senhor sem cessar e intercede pela salvação do mundo, não só com a celebração da Eucaristia, mas de vários outros modos, especialmente pelo Ofício Divino”. Portanto, além da celebração da Santa Ceia, própria do domingo, a Igreja desenvolveu outra maneira de fazer o memorial do Mistério pascal no cotidiano, seguindo o ritmo das horas.

- O segundo critério que orientou a elaboração do ODC foi justamente a de adequar a linguagem dos textos e o estilo de sua celebração à teologia e ao novo jeito de celebrar nas comunidades eclesiais do nosso Continente¹⁰, buscando um estilo simples incorporando como sinais de páscoa os fatos significativos, portadores de vida, que acontecem no dia a dia. De fato, a “vida” transparece em todo ofício, na linguagem dos hinos¹¹, das orações, das preces, das introduções aos salmos, mas é na recordação da vida que ela fica mais explícita. Situado logo no início de cada ofício, após a abertura, evoca “os acontecimentos de cada dia, as pessoas, suas angústias e esperanças, suas tristezas e alegrias, as conquistas e revezes da caminhada, as lembranças marcantes da história, da comunidade, das igrejas e dos povos, os próprios fenômenos da natureza são reconhecidos como sinais de Deus a serem lembrados (cf. ODC, p.11).
- O terceiro critério: além da interação liturgia-vida, uma exigência que emerge como desafio fundamental da renovação litúrgica na América Latina, é o de conseguir uma mútua fecundação entre liturgia e piedade popular. Ao integrar a piedade popular, o ODC não buscou tanto os elementos externos, mas procurou corresponder à “piedade” do povo, ao seu “anseio de oração e de vida cristã” para dar ao ofício um maior dinamismo.¹²

O trabalho resultou num roteiro de oração despojado de rigidez, singelo, revestido de certa “informalidade” que corresponde melhor à gratuidade da fé, escapando da “obrigatoriedade” que muitas vezes limita a celebração da liturgia das horas à execução formal. Ninguém se sente obrigado a rezar o ODC todos os dias e em todas as Horas, mas ele está aí, e se oferece toda vez que a comunidade se reúne para rezar.

10 O Ofício Divino das Comunidades é um exemplo de como a inculturação deve partir necessariamente da base, das inserções concretas já realizadas no meio da realidade do povo para, a partir daí, serem analisadas e seriamente estudadas. Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Adaptar a Liturgia, n. 20, p.20.

11 Os hinos, foram recolhidos do repertório brasileiro, muitos dos quais próximos à caminhada das comunidades eclesiais de base.

12 Adaptar a Liturgia, n. 62, p. 30.





A maior contribuição do Ofício das Comunidades é a ritualidade, ou seja: superando a mera recitação individual ou coletiva, com gestos e palavras, canto e silêncio, quietude e movimento, sem muitas palavras explicativas, o ODC se realiza como verdadeira ação litúrgica que organiza de modo peculiar os elementos de qualquer celebração litúrgica (IGLH n. 33). Este caráter celebrativo na música, nas orações, na gestualidade, no silêncio... são celebrações que primam pela valorização dos símbolos, por uma participação envolvente, num clima profundamente orante que garante o que é próprio da liturgia cristã: diálogo com Deus, na memória do Senhor Jesus, em comunhão com o seu Espírito no compromisso com o Reino. De fato, o que encanta muitas pessoas que descobrem a Oração do Ofício é a maneira simples de celebrar, com a participação de todos, sem o monopólio de quem preside, centrada em Jesus, o “mistério da piedade” (1 Tm 3,16).

A partir do ODC, a própria Liturgia das Horas poderá retomar a dimensão comunitária e ritual, simbólica, de acordo com sua natureza e origem.

Considerações finais

Meio século passado, muita coisa mudou no continente e no mundo. Também a Igreja mudou. Verifica-se um progressivo distanciamento da fé nas questões sociais e nas grandes causas da humanidade, como se a fé nada tivesse a ver com o que acontece no mundo. Desvirtuou-se a eclesiologia do povo de Deus, enfraquecendo a comunidade como lugar de vida fraterna e de serviço aos pobres. Tais transformações se veem refletidas na liturgia, às vezes conduzida de maneira tão formal que não possibilita a participação no mistério, outras vezes na contramão da reforma, volta-se a práticas anteriores ao Concílio, e há ainda uma avalanche de deformações mescladas com um devocionismo exacerbado.

Contudo, embora as circunstâncias não sejam as mesmas, o que não mudou é a gritante situação dos pobres, vítimas da ganância de uma minoria que detém poder e riqueza. Portanto, não há como esquecer Medellín; ao contrário, é preciso fazê-lo reviver, na teologia, na pastoral, na liturgia, para que tenha ressonância na espiritualidade.

O papa Francisco tem se colocado à escuta do clamor que sobe de toda parte e tem convocado a Igreja a reler o Concílio neste novo contexto de mundo e a se colocar em movimento, de modo a resgatar e dar novo impulso à tradição eclesial Medellín-Aparecida. Na questão litúrgica diz





claramente que a reforma do Concílio não está em discussão, que se trata de um processo “irreversível” e que “a educação litúrgica de pastores e fiéis é um desafio a ser enfrentado sempre de novo”.

Roteiro para uma roda de conversa

- Destacar os pontos relevantes do texto.
- Que perspectivas se abrem para a nossa prática eclesial na atual conjuntura eclesial, política e social?
- E para a litúrgica?





A ALEGRIA COMO ESTILO DA TAREFA FUNDAMENTAL DE ANUNCIAR O EVANGELHO

A PROPÓSITO DA GAUDETE ET EXSULTATE

EUGENIO RIVAS, SJ¹

O tema da alegria perpassa todos os documentos de Francisco, é uma espécie de “leitmotif” que faz sinfonia com a misericórdia, a missão, o discernimento e a santidade. A alegria aparece explicitamente em *Evangelii Gaudium* (EG), *Veritatis Gaudium* (VG) e *Gaudete et exsultate* (GE). A *Laudato Si'* (LS), embora a palavra alegria só apareça três vezes, é um canto de louvor agradecido pelo dom da criação e o apelo à responsabilidade humana de cuidar da Casa Comum, nossa irmã (LS 2). *Homo vinculum et sacerdos totius naturae* afirmavam os antigos e por esta responsabilidade, caminho de santidade, o ser humano é “chamado a ser não só *sacerdos naturae*, mas a oferenda totalmente livre da criação a Deus”², o ser humano é a oferenda do seu sacerdócio³.

Francisco nos propõe um caminho de santidade que, como a misericórdia, é um caminho artesanal⁴, existem muitas formas de testemunhos que nos estimulam, mas “Importante é que cada crente discirna

1 Eugenio Rivas é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Professor do Programa de Graduação e Pós-Graduação em Teologia, da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, em Belo Horizonte, MG. É líder do grupo de pesquisa “Fé e contemporaneidade: os impactos da sociedade moderna e pós-moderna sobre a fé cristã”. Pesquisador visitante (Visiting Scholar) em Heythrop College, London University (2016) e em Saint Thomas University, Fredericton, NB, Canadá (2017–2018).

2 BLONDEL, M. *La philosophie et l'Esprit Chrétien I. Autonomie essentielle et connexion indéclinable*. Paris: Aubier, 1944, p. 114. Tradução nossa.

3 Cf. RIVAS, E. “Homo sacerdos naturae: escatología individual y cósmico-colectiva”, In: RIVAS, E. *La escatología como comunión: una propuesta desde la perspectiva metafísica de Maurice Blondel*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2014, pp. 354–358.

4 “As obras de misericórdia são ‘artesanais’: nenhuma delas é cópia da outra; as nossas mãos podem moldá-las de mil modos e, embora seja único o Deus que as inspira e única a ‘matéria’ de que são feitas, ou seja, a própria misericórdia, cada uma adquire uma forma distinta (*Misericordia et Misera* (MM) 20).





o seu próprio caminho e traga à luz o melhor de si mesmo, quanto Deus colocou nele de muito pessoal (cf. 1 Cor 12, 7), e não se esgote procurando imitar algo que não foi pensado para ele” (GE 11). Mas o traço comum desta pluralidade de respostas, cada um “a seu modo”, é a alegria de anunciar e comunicar o tesouro encontrado.

A falta de alegria, apontava Paulo VI, é um dos grandes obstáculos à tarefa missionária da Igreja, a falta de alegria e esperança corta o caminho ao evangelho e, ao mesmo tempo, se a Igreja não evangeliza, priva-se da reconfortante alegria de transmitir a boa nova (Cf. *Evangelii Nuntiandi* 80).

A missão, a alegria e a santidade caminham juntas. O santo é aquele que tem uma missão e o estilo dessa missão é a alegria. A partir desta relação, queremos propor como o caminho de santidade proposto por Francisco não pode ser compreendido sem o anúncio alegre da boa nova e como a alegria faz parte do conteúdo do anúncio e meio de sua transmissão⁵. Não é possível pensar a santidade e a missão de evangelizar sem alegria, e não existe alegria autêntica enquanto cada ser humano “não encontra, habita e partilha com todos a luz de Deus” (VG 1).

A missão caminho de alegria e santidade

Em continuidade com os lineamentos do Vaticano II e sua recepção por parte das Igrejas particulares, no centro do programa de Francisco está a missão evangelizadora⁶. Na *Evangelii Gaudium* (EG)⁷, Francisco expressa o

5 “Todos os crentes em Cristo devem sentir, como parte integrante da sua fé, a solicitude apostólica de a transmitir aos outros, pela alegria e luz que ela gera” (RM 40).

6 A missão da Igreja parece constituir a aspiração mais profunda do projeto do Vaticano II e seu eixo estruturador. A *Evangelii Gaudium* se coloca na linha da grande recepção do Concílio Vaticano II inaugurada pela exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN) (1975) de Paulo VI e seguida pela *Redemptoris Missio* (RM) (1990) e pela criação do Conselho Pontifício da Evangelização (2010) por parte de Bento XVI. A isto se segue a convocatória e celebração, dois anos mais tarde, de um sínodo sobre o tema com um texto preparatório chamado de Lineamenta e intitulado “Nova evangelização para a transmissão da fé”. Na América Latina o tema da missão da Igreja foi retomado por Medellín (1969). Medellín não só vai se referir a evangelização, mas vai intentar impulsar uma “nova evangelização” a partir da perspectiva dos pobres, se o concílio Vaticano II pedia ir ao mundo, Medellín dava um passo mais radical, ir aos pobres o que implicava conversão pessoal e transformação das estruturas. Dez anos mais tarde se reuniam os bispos latino-americanos em Puebla (1979) cujo tema será justamente “A evangelização no presente e no futuro de América Latina”. Invocando o espírito de Medellín o documento afirma: “a opção preferencial pelos pobres em vista da sua liberação integral”. A Conferência de Santo Domingo (1992) sublinha a necessidade de uma evangelização libertadora e inculturada. Em *Aparecida* (2007) os bispos recapitulam este percurso: “Assumindo com nova força essa opção pelos pobres, manifestamos que todo processo evangelizador envolve a promoção humana e a autêntica liberação ‘sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade’... Para a Igreja, o serviço da caridade, assim como o anúncio da Palavra e a celebração dos sacramentos, ‘é expressão irrenunciável da própria essência’”. (*Aparecida* 399)

7 Todos os documentos conciliares e dos papas foram consultados no site: <https://w2.vatican.va>.





modo como sonha a missão da Igreja: “Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação (EG 27).

O sonho de Francisco é a continuidade do sonho do Concílio, “ir ao mundo inteiro a anunciar o evangelho”. De fato, o primeiro documento aprovado pelo Concílio foi uma declaração ou mensagem dirigido ao mundo (20/10/1962): “Missão da Igreja no mundo”. A abertura ao mundo estrutura o concílio Vat II e é o ponto de partida da obra conciliar⁸. A ênfase na ação pastoral, o próprio concílio se define como pastoral, e a abertura missionária da Igreja para o mundo são matérias inéditas, nunca antes se tinha visto isto num outro concílio. Numa rádio mensagem (11/09/1962), justo um mês antes do início do Concílio, João XXIII afirmava: “A Igreja deseja ser buscada tal como ela é, na sua estrutura íntima, na sua vitalidade *ad intra*... Mas queremos considerar também a Igreja em relação com sua vitalidade *ad extra*... O mundo tem necessidade de Cristo, e é a Igreja quem tem que transmitir Cristo ao mundo”. Na mesma alocução afirmava o Papa: “A Igreja se apresenta como ela é e quer ser, como Igreja de todos, em particular a Igreja dos *pobres*”, sublinha-se a esperança de poder realizar esse serviço com dignidade e *alegria*. Podemos ver como ressoam aqui as palavras do início da *Gaudium et Spes* (GS): “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, *sobretudo dos pobres* e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração... Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história”.

No seu discurso de abertura do Concílio, *Gaudet Mater Ecclesia* (GME), um discurso que é programático, João XXIII declara que o concílio não se propõe discutir a doutrina fundamental da Igreja, para isso, afirma o papa, não faz falta um concílio, isso “se supõe sempre bem presente e familiar ao nosso espírito”, mas a finalidade é de procurar a “*renovada e tranquila adesão a todo o ensino da Igreja*”. Esta insistência na renovação, o *aggiornamento*, pôr-se ao dia com o tempo, sublinha a consciência da natureza histórica e contextual do caminhar da Igreja na história da humanidade e o reconhecimento de que o ensinamento, devido a esta mesma historicidade, pode se tornar obsoleto. Procurar

8 Cf. MADRIGAL, S. “La ‘Iglesia en salida’: La misión como tema eclesiológico”, RCatT 40/2 (2015), pp. 89-121, aqui p. 93.





uma renovada e tranquila adesão a todo o ensino da Igreja implica uma mudança de estilo, a Igreja não renuncia à promoção e defesa da verdade, mas “Agora, porém, a esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da *misericórdia* do que o da severidade. Julga satisfazer melhor as necessidades de hoje mostrando a validade da sua doutrina do que renovando condenações” (GME VII, 2). Abandona-se um estilo severo e condenatório para assumir um estilo dialogal. Este novo estilo se deixa sentir no discurso de Paulo VI no encerramento da terceira sessão do concílio (21/11/1964):

E quiséramos, enfim, que também sobre o mundo profano, no seio do qual a Igreja vive e pelo qual está cercada, a doutrina da Igreja irradiasse algum reflexo atraente: deve ela, a Igreja, aparecer como aquele *signal* no meio dos povos (2), para oferecer a todos a orientação no seu próprio caminho em demanda da verdade e da vida. Como, efetivamente, cada um pode observar, a elaboração desta doutrina, atendo-se ao rigor teológico que a justifica e magnífica, nunca se esquece da humanidade que conflui na Igreja, ou que constitui o ambiente histórico e social em que se desenvolve a sua missão. *A Igreja é para o mundo*. A Igreja outro *poder terreno* não ambiciona para si senão aquele que a habilita a servir e a amar. *Aperfeiçoando o seu pensamento e a sua estrutura*, não visa ela a apartar-se da experiência própria dos homens de seu tempo, senão que, antes, tende a compreender estes melhor, a melhor lhes compartilhar os sofrimentos e as boas aspirações, a confortar melhor o esforço do homem moderno em mira à sua prosperidade, à sua liberdade, à sua paz.

O historiador jesuíta norte-americano John O’Malley vai falar do estilo do Vaticano II como um modo de rejeitar modos de pensar, sentir e agir; rejeição de todo um quadro mental e emocional expressado no próprio vocabulário. Entre os ensinamentos do Concílio se encontra justamente o estilo da Igreja:

um estilo menos autocrático e mais colaborativo, um estilo desejoso de escutar e levar em consideração os diferentes pontos de vistas, um estilo aberto e honesto, um estilo menos unilateral na toma de decisões, um estilo comprometido com o jogo limpo e com o trabalho com outras instituições fora da comunidade católica, um estilo que assume a inocência até que se prove a culpa, um estilo que rejeita juramentos secretos, denúncias anônimas e táticas inquisitoriais⁹.

Como historiador, O’Malley afirma a profunda continuidade do Concílio com toda a tradição católica, mas acredita que se deve prestar maior

9 O’MALLEY, J. “Vatican II: did anything happen?”, *Theological Studies* 67 (2006), pp. 3-33. Aqui p. 31.





atenção às descontinuidades do Concílio com toda essa tradição para deixar claro que o Concílio queria que alguma coisa acontecesse. No centro da descontinuidade está o modo de compreender a missão da Igreja não só como “*plantatio ecclesiae*”, mas abria-se passo a um desafio mais radical, “o compromisso geral da Igreja em todos os aspetos da vida humana”¹⁰. Neste espírito missional consiste a abertura da Igreja para mundo, o oposto ao conservadorismo não é progressismo, mas espírito missional¹¹.

Na inauguração da segunda sessão do Concílio pelo recém-eleito Paulo VI (29/09/1963), o Papa afirma na sua alocução que o tema principal da segunda sessão será tudo o que diz respeito à Igreja: identidade ou noção, a renovação, o diálogo com outras Igrejas cristãs e diálogo com o mundo. O próprio Paulo VI, na encíclica *Eclésia Suam* (ES) (06/08/1964), publicada em pleno Concílio, vai precisar que o modelo que melhor define a relação da Igreja com o mundo não é o modelo de uma retirada do mundo, também não é a de promover cruzadas para desarraigar os males do mundo, nem o de se aproximar da sociedade profana para obter uma influência hegemônica e mesmo exercitar sobre ela um domínio teocrático: “Parece-nos, todavia, que a relação da Igreja com o mundo, sem excluir outras formas legítimas, pode se configurar melhor como um *diálogo*” (ES 72). Neste sentido a eclesiologia do Vaticano II configura a Igreja como um sujeito que quer dialogar e isto significa abandonar a arrogância do poder, abandonar a pretensão de monopólio da verdade. Esse modelo dialogal estará presente de forma programática na Constituição dogmática *Dei Verbum* (DV) sobre a revelação divina¹².

Na mesma linha do êxodo para o mundo, ao qual chamava o Vaticano II, e que a Igreja latino-americana traduziu como êxodo para os pobres¹³, coloca-se o sonho e o desafio de Francisco de uma “Igreja

10 MADRIGAL, 2015, p. 98.

11 Cf. RATZINGER, J. “Una Iglesia abierta para el mundo? Reflexiones sobre la estructura del concilio Vaticano II” in *El Nuevo pueblo de Dios. Esquemas para una eclesiología*. Barcelona: Herder, 1971, pp. 332-333. Apud MADRIGAL, 2015, p. 100.

12 A DV não faz uma formulação genérica da natureza da revelação, senão, que segue um método descritivo. A revelação é descrita em um processo que arranca da vontade de Deus que auto-comunica seu mistério para que o ser humano possa participar da natureza divina: “Em virtude desta revelação, Deus invisível (cfr. Col. 1,15; 1 Tim. 1,17), na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos (cfr. Ex. 33, 11; Jo. 15,1415) e convive com eles (cfr. Bar. 3,38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele” (DV 2). A revelação é comunicação de Deus mesmo, fala de amigos, convivência, convite e a graça de ser admitidos à comunhão divina.

13 A EN se faz eco, a seu modo, da conferência de Medellín ao retomar o tema da “nova evangelização” e seus laços profundos com a promoção humana: “A Igreja, repetiram-no os Bispos, tem o dever de anunciar a libertação de milhões de seres humanos, sendo muitos destes seus filhos espirituais; o dever de ajudar uma tal libertação nos seus começos, de dar testemunho em favor dela e de envidar esforços para que ela chegue a ser total. Isso não é alheio à evangelização” (EN 30).





em saída”. O que se diz de Francisco é que ele não faz grandes especulações sobre o Concílio Vaticano II, não entra no debate de sua recepção ou sobre a continuidade e descontinuidade dos ensinamentos do Concílio em relação à grande tradição do magistério da Igreja; de Francisco se diz que ele não fala do Concílio, mas o pratica. Recentemente, falando com os jesuítas de Lituânia, pediu que o ajudassem a aplicar o Concílio, pois segundo os historiadores essa tarefa demora pelo menos 100 anos e que estávamos a meio caminho.

Para ele, o Vaticano II supôs uma releitura do evangelho à luz da cultura, mas a renovação desencadeada provém do mesmo evangelho. É o que na linguagem do Concílio se conhece como voltar às fontes. O Concílio queria colocar a Igreja em estado de missão, e esse estado arranca do mesmo mandato do Senhor, que manda “Ide”. Desde o início o convite de Jesus é a sair. Na própria palavra de Deus aparece o dinamismo da “saída”, cujas figuras emblemáticas estão representadas por Abraão, Moisés e o profeta Jeremias. A esse respeito escreve o Papa: “Naquele «ide» de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova «saída» missionária” (EG 20)

Mas esta saída missionária está estreitamente ligada a uma outra dinâmica, a dinâmica da conversão. Em comunhão com Paulo VI, entende-se esta dinâmica de conversão como fidelidade da Igreja a Cristo: “O Concílio Vaticano II apresentou a conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo: “Toda a renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação. (...) A Igreja peregrina é chamada por Cristo a esta reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma”¹⁴ ” (EG 26)

Alguns são inclinados a ver no título da EG uma combinação de dois documentos papais, *Gaudete in Domino* e *Evangelii Nuntiandi* (de Paulo VI). Muitas das formulações emblemáticas deste último documento são retomadas por Francisco: “A Igreja existe para evangelizar” (EN 14) e quando fala da “Doce e reconfortante tarefa de evangelizar” (EG 9-10) está retomando o final da EN onde se afirma explicitamente a necessidade de conservar a *alegria*, fruto primeiro de ter recebido a Cristo e impulso missionário que ninguém pode extinguir:

14 Cita do decreto sobre ecumenismo *Unitatis Redintegratio*, 6 do Conc.Vat. II.





Conservemos o fervor do espírito, portanto; *conservemos a suave e reconfortante alegria de evangelizar*, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! Que isto constitua para nós, como para João Batista, para Pedro e para Paulo, para os outros apóstolos e para uma multidão de admiráveis evangelizadores no decurso da história da Igreja, um impulso interior que ninguém nem nada possam extinguir. *Que isto constitua, ainda, a grande alegria das nossas vidas consagradas. E que o mundo do nosso tempo que procura, ora na angústia, ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e descoroçados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo, e são aqueles que aceitaram arriscar a sua própria vida para que o reino seja anunciado e a Igreja seja implantada no meio do mundo (EN 80).*

O acento na alegria decididamente tem a ver com a condição pós-moderna de desencanto, de nostalgia. A alegria neste sentido se propõe como um modo de presença eclesial que gera esperança. É aquilo do que fala a oração eucarística VI D, que o testemunho da Igreja, neste caso a alegria, seja agente “para que todos se abram à esperança de um mundo novo”. O testemunho da alegria é motivo de esperança. O compromisso da Igreja na linha da alegria configura uma Igreja mais pascal, mais pobre e, pela mesma razão, mais evangélica e consequentemente missionaria. É o que se afirma no Documento de Aparecida (DA) nos termos de uma necessidade de passar “de uma pastoral de mera conservação a uma pastoral decididamente missionaria” (DA 370). Este teria sido o grande descobrimento do Cardeal Bergoglio em Aparecida, a Igreja missionaria é necessariamente uma Igreja em saída. A saída é o que reforma a Igreja, daí a necessidade de uma conversão missionaria para sua reforma.

Na EG, Francisco quis colocar tudo em chave missionaria, em chave de saída e isto inclui o modo de comunicar a mensagem. A ação *kerygmática* em chave missionaria significa anunciar a partir do coração do evangelho. Que significa isto? Primeiro, que o missionário deve ser realista e sempre sublinhar o que é essencial, “concentrar-se no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário. A proposta acaba *simplificada*, sem com isso perder *profundidade* e verdade, e assim se tornar mais convincente e radiosa” (EG 35). Concentrar-se no essencial significa reconhecer com o magistério uma hierarquia de verdades e virtudes, e destas últimas a maior é a misericórdia. Segundo, assegurar no anúncio uma proporcionalidade. Com isto evitamos o perigo de estar anunciando “algumas acentuações doutrinárias ou morais que derivam de certas opções ideológicas. A mensagem correrá o risco de perder o seu frescor e já não ter ‘o





perfume do Evangelho” (EG 39). O perfume do evangelho se percebe quando sublinhamos que ele “convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos. Este convite não há de ser obscurecido em nenhuma circunstância! Todas as virtudes estão a serviço desta resposta de Amor” (EG 39).

A Igreja em saída de Francisco é uma comunidade de discípulos e missionários que “primeireiam”, envolvem-se, acompanham, frutificam e festejam. “Primeireiam” porque a Igreja vai à frente, procurando os afastados e chegando às encruzilhadas dos caminhos, move-a o desejo de oferecer misericórdia que ela mesma experimenta, os discípulos e missionários envolvem-se tocando a carne sofredora do Cristo no povo, acompanham com paciência os longos processos humanos, “a evangelização patenteia muita paciência” e por esta razão estão atentos aos frutos pequenos ou imperfeitos sem se alarmar pela presença do joio no meio do trigo; são capazes de celebrar, e sua tarefa é uma “evangelização jubilosa” que se torna beleza na liturgia, “simultaneamente meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde promana toda sua força” (*Sacrosanctum Concilium* 10). A comunidade que celebra a liturgia afirma sua identidade sacramental, isto é “presença vitoriosa, no meio dela, do Senhor ressuscitado. Aqui está a fonte de onde a comunidade que celebra tira sua força transformadora, convertendo-se, assim, em fermento do meio do Mundo”¹⁵. Deste modo, a comunidade celebra a alegria do Reino feita realidade, e esta alegria só pode brotar da celebração conjunta da morte e ressurreição do Senhor¹⁶. A Igreja em saída é uma “mãe de coração aberto”, “uma Igreja com as portas abertas”, “casa aberta do Pai”.

A santidade da saída

Aonde convida a sair Francisco?

Primeiro, convida a sair às *ruas* abandonando a introversão eclesial, a autorreferencialidade, para não cair no autismo e na paranoia. Tudo isto supõe uma conversão missionária das próprias estruturas da Igreja, começando pela paróquia, os movimentos eclesiais, as Igrejas particulares, os bispos e chegando ao próprio papado. No centro desta conversão missionaria está o diálogo, a descentralização e o abandono do, como

15 RIVAS, E. “Memória e caminho: liturgia e vida crista”. In RIVAS, E. – GODOY, M. (org). *Memória e caminho: liturgia e vida crista*. São Paulo: Loyola 2018, p. 59.

16 Cf. *Gaudete in Domino*, 28.





critério pastoral, “fez-se sempre assim”. O Papa convida “todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades” (EG 33). Uma Igreja em saída é uma Igreja em contínua conversão e consequentemente uma Igreja que se santifica.

Segundo, sair do “*mundanismo espiritual*” a quem qualifica de “tremenda corrupção, com aparências de bem”. O mundanismo espiritual é uma outra forma de falar de auto-referencialidade, dos que tem perdido o contato com a dolorosa realidade do povo fiel e vivem escondidos numa aparência religiosa vazia de Deus (EG 97):

O mundanismo espiritual, que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal. É aquilo que o Senhor censurava aos fariseus: «Como vos é possível acreditar, se andais à procura da glória uns dos outros, e não procurais a glória que vem do Deus único?» (Jo 5, 44). **É uma maneira subtil de procurar «os próprios interesses, não os interesses de Jesus Cristo»** (Fl 2, 21). Reveste-se de muitas formas, de acordo com o tipo de pessoas e situações em que penetra. **Por cultivar o cuidado da aparência, nem sempre suscita pecados de domínio público, pelo que externamente tudo parece correto.** Mas, se invadissem a Igreja, ‘seria infinitamente mais desastroso do que qualquer outro mundanismo meramente moral (EG 93).

O mundanismo espiritual engendra pessoas enclausuradas na imãncia da sua própria razão (gnosticismo), que só confiam nas suas próprias forças e se consideram “superiores aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente **fiéis a um certo estilo católico próprio do passado**”. É uma suposta segurança doutrinal ou disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário, onde, em vez de evangelizar, se analisam e classificam os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias a controlar” (EG 94) (Neopelagianismo). Tudo isto denuncia pessoas autistas e paranoicas, pessoas que não possuem ardor evangélico, “mas o gozo duma autocomplacência egocêntrica” (EG 95), pessoas que “preferem ser generais de exércitos derrotados antes que simples soldados dum batalhão que continua a lutar” (EG 96), pessoas do “devequiarismo”, que dão instruções, mas ficam de fora. Estas pessoas não pertencem à Igreja que, por ser católica, está composta de uma rica diversidade e exclama o Papa: “Deus nos livre de uma Igreja mundana sob vestes espirituais ou pastorais” (EG 97).





O mundanismo espiritual é o caminho inverso da santidade, do caminho da saída, da conversão e da misericórdia. O mundanismo espiritual expressa, no interior da própria Igreja, o não ao chamado que o próprio Jesus nos faz de segui-lo, um não que não se articula, que fica no silêncio. O evangelho não oculta, neste não silencioso, a tristeza de quem, ouvindo o chamado, não pode renunciar a seus tesouros para ter um tesouro nos céus (Lc 18, 18-23), uma tristeza que é veneno do demônio¹⁷, “o frio e as trevas estão no primeiro lugar no coração do homem que sente a tristeza” (*Gaudete in Domino* 13).

Terceiro, invita a sair às *periferias*, não só geográficas, mas também existenciais. Esta saída às periferias é vocação comum de todos os cristãos. Ela define a dimensão social da evangelização explicitada na preocupação pela paz e o bem comum e na inclusão social dos pobres: “Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus ‘manifesta a sua misericórdia antes de mais nada’ a eles” (EG 198). A opção pelos pobres da Igreja é entendida como uma “forma especial de primado na prática da caridade... Por isso desejo uma Igreja pobre para os pobres”. Os pobres são mestres do evangelho pois conhecem Cristo sofredor nas suas próprias dores. E aqui Francisco externa o que entende por nova evangelização: “A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas [vida dos pobres], e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles”. Convém acenar aqui que a novidade da evangelização é o próprio Cristo, é ele que com sua vinda tem trazido consigo toda novidade (EG 11). A questão dos pobres é uma questão de vida ou morte para toda comunidade eclesial: Qualquer comunidade da Igreja que se esquece dos pobres “Facilmente acabará submersa pelo mundanismo espiritual, dissimulado em práticas religiosas, reuniões infecundas ou discursos vazios” (EG 207).

A saída às periferias significa entrar na dinâmica das bem-aventuranças: “A palavra «feliz» ou «bem-aventurado» torna-se sinônimo de «santo», porque expressa que a pessoa fiel a Deus e que vive a sua Palavra alcança, na doação de si mesma, a verdadeira felicidade” (GE 64)¹⁸.

17 Cf. *Gaudete et exsultate* (GE), 161.

18 Na sua tradução da Bíblia, o judeu Nathan André Chouraqui se refere ao começo do capítulo 5 do evangelho de Mateus e explica que a palavra bem-aventurado evoca a retidão do homem que caminha na justiça numa rota que o leva direto ao eterno (Citado por Denis Chautard no seu jornal eletrônico, disponível em: <http://www.chautard.info/2017/01/une-lecture-revolutionnaire-des-beatitudes-l-evangile-de-ce-dimanche-par-andre-chouraqui.html>. Consultado no 14/11/2018.





A alegria da santidade

A alegria é a marca da santidade, uma santidade que, ao mesmo tempo, “é parresia: é ousadia, é impulso evangelizador que deixa uma marca neste mundo” (GE 129). A alegria de ser santos não só exprime a experiência da filiação, a experiência da manifestação do amor de Deus, que nos chama de filhos e filhas (1Jo 3, 1-2) ao sermos gerados de novo, “não de uma semente corruptível, mas incorruptível, mediante a Palavra viva de Deus, a qual permanece para sempre” (1Pd 1, 23), mas é também a alegria da boa consciência que reconhece estar respondendo à vontade de Deus de nos santificar: “Para um cristão, não é possível imaginar a própria missão na terra sem a conceber como um caminho de santidade, porque ‘esta é, na verdade, a vontade de Deus: a [nossa] santificação’ (1 Ts 4, 3). Cada santo é uma missão; é um projeto do Pai que visa refletir e encarnar, num momento determinado da história, um aspeto do Evangelho” (GE 19). O caminho da santidade é o caminho da alegria pela participação no evangelho.

O estilo da santidade é a alegria, parte do próprio anúncio, é o testemunho da alegria: “Mais do que como peritos em diagnósticos apocalípticos ou juízes sombrios que se comprazem em detectar qualquer perigo ou desvio, é bom que nos possamos ver como *mensageiros alegres* de propostas altas, guardiões do bem e da beleza que resplandecem numa vida fiel ao Evangelho” (EG 168). Na fidelidade ao evangelho “despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual” (EG 11).

A santidade, como caminho de fidelidade “ao frescor original do evangelho”, é fonte de paz e de alegria. O Papa convida a não ter medo da santidade, ela não tira “forças, nem vida, nem alegria” (GE 32). É um convite a superar esse imaginário que opõe a santidade à alegria. Este imaginário é responsabilidade também da nossa mesma tradição cristã, que não poucas vezes tem considerado a alegria e as emoções como suspeitas. Do ponto de vista psicológico, o traço mais característico da personalidade religiosa está vinculado à necessidade de autocontrole. Tudo o que escapa a essa necessidade provoca desconforto. Por esta razão a personalidade religiosa tende ao conservadorismo, a não tolerar a ambiguidade, a suspeitar do novo e a evitar o risco¹⁹.

¹⁹ Cf. SAROGLU, V. “Religion and sense of humor: An a priori incompatibility? Theoretical considerations from a psychological perspective”, *Humor* 15-2 (2002), pp. 191-214. Aqui p. 201. O autor recolhe uma serie de textos da tradição cristã que testemunham a incompatibilidade entre a religião





Francisco contesta este tipo de imaginário defendendo a alegria e o humor como uns dos traços de santidade:

O santo é capaz de viver com alegria e sentido de humor. Sem perder o realismo, ilumina os outros com um espírito positivo e rico de esperança. Ser cristão é ‘alegria no Espírito Santo’ (Rm 14, 17), porque, ‘do amor de caridade, segue-se necessariamente a alegria. Pois quem ama sempre se alegra na união com o amado. (...) Daí que a consequência da caridade seja a alegria’. Recebemos a beleza da sua Palavra e abraçamo-la ‘em plena tribulação, com a alegria do Espírito Santo’ (1 Ts 1, 6). Se deixarmos que o Senhor nos arranque da nossa concha e mude a nossa vida, então poderemos realizar o que pedia São Paulo: ‘Alegrai-vos sempre no Senhor! De novo o digo: alegrai-vos!’ (Flp 4, 4) (GE 122).

Seria impossível imaginar a santidade sem este traço fundamental, pois a alegria é fruto da caridade; se não estamos alegres significa que a caridade não está em nós, e sem caridade nada seríamos (1Co 13, 2). A verdadeira humanização²⁰ ou a configuração de um mundo mais humano são promovidas pela santidade cristã (LG 40). Por esta razão, Paulo VI sublinha que a verdadeira alegria só pode ser gerada pelo Espírito (GD 8). A alegria da santidade é a experiência da liberdade. Se Paulo afirma que foi para sermos livres que Cristo nos libertou, com Francisco podemos dizer que foi para estarmos alegres que fomos libertados:

Não tenhas medo de apontar para mais alto, de te deixares amar e libertar por Deus. Não tenhas medo de te deixares guiar pelo Espírito Santo. A santidade não te torna menos humano, porque é o encontro da tua fragilidade com a força da graça. No fundo, como dizia León Bloy, na vida ‘existe apenas uma tristeza: a de não ser santo’ (GE 34).

Perguntas

- Quais são os obstáculos que encontramos nos nossos imaginários religiosos-comunitários e sociais para viver esta alegria da santidade proposta pelo papa Francisco?
- Como vivemos nossa santificação no dia a dia de nossas vidas?
- Que exigiria de nós o estilo da alegria?

e o humor. A sua conclusão é que se encontramos pessoas religiosas com sentido do humor isto não se deve à religião, mas a pesar dela.

20 Numa entrevista no programa radial da CBC Tapestry conduzido por Mary Hynes, O ator canadense Christopher Molineux, quem desenvolve uma pesquisa de doutorado sobre a evolução e origem do humor e seu papel na evolução do conhecimento humano e o surgimento das línguas, a música e a arte, sustenta que o humor está no coração do que significa ser humano e que ele vem primeiro que as línguas, a música e a arte. Assim falamos que os alemães ou os árabes não têm sentido do humor, ao negar a presença do sentido do humor desumanizamos os outros. Disponível em: <https://www.cbc.ca/radio/tapestry/being-funny-is-part-of-being-human-and-ai-is-catching-on-says-comedian-1.4889731>. Consultado no 08/11/2018.





ESPIRITUALIDADE DO CRISTÃO LEIGO NA EVANGELIZAÇÃO COMO MEMBRO DE UMA IGREJA QUE SE QUER EM SAÍDA

CECI M. C. BAPTISTA MARIANI¹

Introdução

Do ponto de vista de uma Teologia Fundamental renovada, chancelada pelo Concílio Vaticano II, podemos dizer que “Deus não se impõe ao humano” e que a evangelização não pode mais ser entendida como um “pacote” de verdades ditadas por Deus e anunciadas em vista de uma adesão apoiada no prêmio da salvação ou na ameaça da condenação eterna.

É bom lembrar que, para o Concílio, revelação é diálogo em que “Deus invisível (cfr. Col. 1,15; 1 Tim. 1,17), na riqueza do seu amor, fala aos homens como amigos (cfr. Ex. 33, 11; Jo. 15,1415) e convive com eles (cfr. Bar. 3,38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele”. E que esse processo revelatório “realiza-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam

¹ Doutora em Ciências da Religião pela PUC/SP, Mestre em Teologia Dogmática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Professora no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião e na Faculdade de Teologia da PUC-Campinas. Membro da SOTER, Sociedade de Teologia e Ciências da Religião, conselheira do Regional São Paulo e coordenadora do Grupo de Trabalho “Espiritualidade e Mística”.





a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido” (DV, 2). Isso quer dizer que a revelação divina dá-se na história e que a presença criadora e salvadora de Deus pode ser captada por nós à medida que prestamos atenção à vida, mais concretamente, aos desafios que vamos tendo que viver cotidianamente no trabalho, na escola, na família, na política, etc.

O Concílio vai possibilitar ver com mais clareza que o Espírito Santo de Deus, oferecido por Jesus, morto e ressuscitado, está entre nós, no meio do mundo, falando a todos, como esclarece o teólogo Andrés Torres Queiruga (2001), lidando para tornar conhecido o projeto do Pai, o que é realização plena do humano como sujeito livre e capaz de convivência amorosa com toda a criação:

Deus, voltado com todo o seu amor sobre a humanidade, luta contra nossa ignorância e nossa pequenez, contra nossos instintos e resistências, contra nossos mal-entendidos e perversões, para ir abrindo-nos seu coração e iluminar para nós seu rosto, para manifestar-nos a profundidade de nosso ser e a esperança de nosso destino. (p.34)

Tendo como referência essa compreensão de revelação conciliar, organizamos nossa reflexão sobre a espiritualidade do cristão leigo em três pontos: (1) a centralidade do Reino para a espiritualidade cristã; (2) a espiritualidade laical numa Igreja em saída; (3) a importância do discernimento à luz da Palavra para a contemplação na ação.

A centralidade do Reino para a espiritualidade cristã

Segundo a revelação bíblica, o projeto de Deus é a instauração do seu Reino. Deve vir definitivamente, mas já apresenta seus sinais: O reino de Deus, na prática e na pregação de Jesus, demonstra Pagola (2010) através de aproximação histórica, “abre caminho lá onde os enfermos são resgatados do sofrimento, os endemoninhados se veem libertados de seu tormento e os pobres recuperam a dignidade. Deus é o “antimal”: procura “destruir” tudo o que causa dano ao ser humano (p. 125). Jesus anuncia que a vinda de Deus para impor sua justiça não é uma intervenção terrível e espetacular como se imaginava, “mas uma força libertadora, humilde e eficaz, que está aí, no meio da vida, ao alcance de todos os que a acolherem com fé”(p.122). É como um grão de mostarda, que deve germinar e se transformar em arbusto





acolhedor onde os pássaros podem encontrar abrigo (Cf. Mt 13, 32), é uma discreta caridade que, como fermento, vai tomando conta da massa e fazendo crescer o pão (Cf. Mt 13,33). A força salvadora de Deus está presente no mundo, mas somente poderá ser desfrutada por todos de maneira plena num futuro escatológico, no final dos tempos.

Não podemos dizer que Jesus, em sua atividade missionária, tinha em mente uma estratégia concreta de caráter político ou religioso. Por outro lado, não se pode afirmar também que o Reino de Deus anunciado por Jesus era um assunto meramente religioso. Para ele, o importante é que todos reconheçam a Deus e entrem na dinâmica de seu reinado. O anúncio de Jesus implica necessariamente um compromisso de profundas consequências de ordem política e social. A dinâmica do Reino de Deus é uma maneira de ser e agir no mundo.

Jesus não apela a uma intervenção milagrosa de Deus, mas a uma mudança de comportamento que possa levar a todos a uma vida mais digna e segura. É preciso superar a “lei do talião”, é preciso conter a agressividade diante daquele que te humilha batendo no rosto, é preciso dar com generosidade aos necessitados que vivem mendigando ajuda pelas aldeias, é preciso ter um coração grande para com os pobres. (PAGOLA, 2010, p.136)

A preocupação de Jesus não é instaurar, nem restaurar uma religião, ele não tem um projeto institucional, o seu ensinamento implica um compromisso com a vida. Jesus não prega a fuga do mundo, mas convida cada um a permanecer em seu trabalho, dedicado ao serviço fraterno, que é o meio mais seguro de entrar no Reino. Seus discípulos são chamados a buscar a Deus no cotidiano da vida e não somente nos atos religiosos. (MOINGT, 2010, p.286-287).

A centralidade do Reino no anúncio de Jesus é o que marca a espiritualidade cristã. Tendo como referência uma eclesiologia de comunhão de base trinitária, a compreensão do Concílio sobre a santidade vai deixar isso muito claro. Compreendida no contexto do amor trinitário, esclarece Bruno Secondin (2002), a Imagem de Igreja “Povo de Deus” traz à tona, do bojo da tradição bíblica, a dimensão histórica da espiritualidade cristã:

Na vertente da eclesiologia comunitária, o Concílio defendeu preferentemente a visão do caminho histórico do povo de Deus rumo à plenitude do Reino, ressaltando assim o diálogo e a presença, no contexto das angústias e esperanças dos povos, a co-responsabilidade pela guarda da fé e pela abertura aos carismas, enquanto expressões do agir do Espírito da vida na história. (p.55)





A santidade, na perspectiva cristã, não é um caminho de ascese individual. Não é uma mística da alma que exige abandono do mundo. J. Moltmann chama de “espiritualidade da alma” uma espiritualidade que teve espaço na tradição cristã a partir do encontro com a tradição platônica em que observa-se uma espiritualização da redenção: o messianismo acaba substituído pelo apelo do além e o Espírito compreendido como redentor da alma que se encontra sob o cativo do corpo. É “uma ‘espiritualidade’ dócil, desvinculada dos sentidos, hostil ao corpo, separada do mundo, e sem a menor dimensão política (...)”. (MOLTMANN, 2002, p.82.)

O Capítulo V da *Lumen Gentium* – Sobre a vocação de todos à santidade na Igreja – vai afirmar que todos os fiéis são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade possível pelo dom do Espírito recebido no batismo. É graça que se exprime como amor a Deus e ao próximo. A santidade é uma vocação que se realiza na relação e não o resultado da busca de uma perfeição individual.

Podemos inferir desse documento do magistério que a santidade se aprofunda na abertura ao dom oferecido por Deus em seu Filho. Dom que nos capacita para amarmos uns aos outros, não apenas como naturalmente amamos a nós mesmo, mas, na radicalidade do amor ágáptico com o qual o Cristo nos amou.

“Os seguidores de Cristo, chamados por Deus e justificados no Senhor Jesus, não por merecimento próprio, mas pela vontade e graça de Deus, são feitos, pelo Batismo da fé, verdadeiramente filhos e participantes da natureza divina e, por conseguinte, realmente santos”, afirma o mesmo documento (LG 40). A partir do que está dito, podemos afirmar que o Batismo na fé que celebra o compromisso com o seguimento de Jesus em comunidade, nos torna filhos no Filho, participantes da natureza divina e conseqüentemente de sua missão, a construção do Reino. É nisso que consiste a santidade.

Ser santo é, portanto, participar da natureza divina como comunidade eclesial engajada na promoção de um modo de vida humano e não como um indivíduo em busca da perfeição pessoal. O serviço ao próximo é o horizonte da santidade:

Na própria sociedade terrena, esta santidade promove um modo de vida mais humano. Para alcançar esta perfeição, empreguem os fiéis as forças recebidas segundo a medida em que as dá Cristo, a fim de que, seguindo as Suas pisadas e conformados à Sua imagem, obedecendo em tudo à vontade de Deus, se consagrem com toda a alma à glória do Senhor e ao serviço do próximo. (LG 40)





Nesse itinerário que é comunitário, todos são chamados à santidade e cada um é convidado a perseverar na fé que estimula a esperança e que atua pela caridade, conforme seus dons e no exercício da sua função (LG 41). Cada um é chamado a cultivar a santidade na condição em que se encontra.

A espiritualidade laical no contexto de uma Igreja em saída

Aos leigos, o documento sobre a Igreja (LG) recomenda o cuidado com a família. Que esposos e pais amparem-se mutuamente com amor fiel e duradouro; que eduquem os filhos na fé e sejam testemunhas e cooperadores da fecundidade da Igreja, “sinal e participação daquele amor, com que Cristo amou a Sua esposa e por ela Se entregou” (LG 41). Importante ressaltar que a santidade a ser cultivada no estado de vida laical não se refere à defesa da família tradicional patriarcal, mas à família capaz de testemunhar o amor de entrega do Filho que, saindo de si, doou-se na cruz por amor ao mundo. Francisco traduz muito bem esse espírito conciliar para a atualidade na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*. Fala sobre a sacramentalidade do amor conjugal em termos de “caridade conjugal”, tendo como referência inspiradora o belo hino à caridade de Paulo (AL 89-90). Situa a compreensão do sacramento do matrimônio no contexto de uma ampla compreensão mais teológica e menos jurídica. Entende a responsabilidade sacramental do matrimônio como um processo. Adverte (seguindo o Concílio Vaticano segundo e a Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* de João Paulo II), no parágrafo 122, que “não se deve atirar para cima de duas pessoas limitadas o peso tremendo de ter que reproduzir perfeitamente a união que existe entre Cristo e a sua Igreja, porque o matrimônio como sinal implica ‘um processo dinâmico, que avança gradualmente com a progressiva integração dos dons de Deus’” (AL, 122). Fidelidade, abertura e compromisso com a transformação do mundo são os grandes valores que fazem do amor conjugal sacramento de Deus, ensina a Exortação *Amoris Laetitia*. O amor conjugal não deve ser fechado em si mesmo. A família deve ser aberta, sair de si mesma para viver a solidariedade em todos os sentidos, principalmente no que se refere ao compromisso com a transformação social. Ao amor esponsal deve-se somar o amor eucarístico. Alimentada pela eucaristia, a família é convocada a uma maior comunhão com os descartados da sociedade (AL, 186). A família, afirma Francisco, introduz a fraternidade



no mundo, pois promove as primeiras experiências de fraternidade alimentadas pelos afetos e pela educação familiar (AL, 194).

A santidade também toca o trabalho. Mesmo sendo, muitas vezes, um fardo pesado, o trabalho, segundo a *Lumen Gentium*, deve servir também de caminho de perfeição na medida em que contribua para o progresso da sociedade e da criação na caridade. A referência é sempre o Cristo encarnado, Jesus, o filho do carpinteiro “cujas mãos se exercitaram em trabalhos de operário” (LG 41), e sua atuação no mundo apoiada em sua relação íntima com o Pai. Conforme a *Gaudium et Spes* (35), a ação humana no mundo que transforma a sociedade é ao mesmo tempo exigência no processo de autorealização: “De fato, quando age, o homem não transforma apenas as coisas e a sociedade, mas realiza-se a si mesmo. Aprende muitas coisas, desenvolve as próprias faculdades, sai de si e eleva-se sobre si mesmo.” Esse é o sentido de progresso que objetiva a espiritualidade cristã na perspectiva do Concílio Vaticano II, pois, “tudo o que o homem faz para conseguir mais justiça, mais fraternidade, uma organização mais humana das relações sociais, vale mais do que os progressos técnicos” (GS 35).

É o Reino já e ainda não que está sempre no horizonte do itinerário espiritual do cristão, caminho espiritual que deve estar fundado numa mística de olhos abertos como propõe o teólogo J. B. Metz (2013). A espiritualidade cristã é fundamentalmente política. Para esse teólogo, a consciência histórica advinda com a modernidade impacta nossa sensibilidade espiritual. A face de Jesus de Nazaré descortinada por uma hermenêutica histórico-crítica faz com que revele-se mais claramente o olhar messiânico de Jesus que não se destina aos pecados dos outros, mas aos seus sofrimentos. Descobre-se com isso, no olhar de Jesus, “a paixão por Deus como empatia pelo sofrimento alheio, como mística prática de compaixão” (p.19). A compaixão suscita uma mudança de visão. Na perspectiva de Metz, é força do Espírito que interrompe a lógica histórica da opressão, porque promove a saída de si, dos próprios interesses, desejos e preferências. Faz com que os olhos enxerguem o que não se enxerga por si mesmo (p.59) Uma vez que se deixa tomar pelo olhar compassivo de Deus pelo sofrimento alheio, passa-se a olhar a vida com olhos mais abertos e avaliá-la com os olhos dos ameaçados, experimenta-se um respeito pela autoridade das vítimas.

Essa mística da compaixão não tem como objetivo exclusivo uma experiência sem olhos, direcionada ao interior, mas aquela experiência da “interrupção”, introduzida pela situação “face a face”, na





relação com o outro. Ela é, ao mesmo tempo, mística e política. Ela é “mística” na medida em que pode ser o início de uma experiência de Deus, no mínimo uma “atmosfera de Deus”. Ela continua sendo ao mesmo tempo “política”, porque nessas “interrupções” interpessoais, os outros, feridos e vulneráveis, poderão ser percebidos (tornando-se visíveis) numa última invulnerabilidade, impressa por toda nossa ação política. (METZ, 2013, p.22)

O Espírito de Cristo é força de oposição aos contextos terrenos de violência e promove um “encorajamento à interrupção de um processo que pode nos transformar em espectadores alienados de um declínio previsível” (METZ, 2013, p.140). O caminho é a aproximação solidária ao sofrimento das vítimas e acolhimento generoso do que, a partir desse sofrimento, anunciam.

A “mística de olhos abertos” é, portanto, um itinerário espiritual que tem em seu centro a experiência de Deus que desce e se coloca ao lado do sofredor para salvar o mundo pelo poder da compaixão, solidariedade e comunhão. Uma mística que implica um exercício espiritual cotidiano, descoberta e praticada no âmbito da vida privada que está sem dúvida mergulhada em desafios sociais. A participação compassiva no olhar misericordioso de Deus para os sofredores chama ao posicionamento frente aos grandes confrontos e hostilidades. (METZ, 2013, p.69)

A importância do discernimento à luz da Palavra para a contemplação na ação

A santidade, para a qual todos são chamados, é um caminho de transformação de si pela realização da própria vocação de seres criados para cuidar do mundo e conduzir a criação a uma vida de convivência amorosa. No centro da espiritualidade cristã está o discernimento. A santidade tem a ver com a descoberta do sentido da vida como participante do projeto de Deus. Esse caminho, como bem afirma o papa Francisco, não descarta os erros nem os momentos negativos (GE 22). Em vista disso, ele orienta: “Pede sempre, ao Espírito Santo, o que espera Jesus de ti em cada momento da tua vida e em cada opção que tenhas de tomar, para discernir o lugar que isso ocupa na tua missão”. (GE 23). Mais à frente aconselha:

Deixa-te transformar, deixa-te renovar pelo Espírito para que isso seja possível, e assim a tua preciosa missão não fracassará. O Senhor





levá-la-á a cumprimento mesmo no meio dos teus erros e momentos negativos, desde que não abandones o caminho do amor e permaneças sempre aberto à sua ação sobrenatural que purifica e ilumina (GE 24).

O discernimento possibilita a contemplação na ação, dado que não se pode conceber Cristo sem o Reino que ele veio trazer, afirma Francisco (GE 25). “Somos chamados a viver a contemplação mesmo no meio da ação, santificando-nos no exercício responsável e generoso da nossa missão.” (GE 26). Procurar e encontrar Deus em todas as coisas. Em entrevista ao Pe. Spadaro, lemos essas palavras:

Deus manifesta-Se no tempo e está presente nos processos da História. Isso faz privilegiar as ações que geram dinâmicas novas. E exige paciência, espera.(...) É necessária uma atitude contemplativa: é o sentir que se vai pelo bom caminho da compreensão e do afeto no que diz respeito às coisas e às situações. O sinal de que se está nesse bom caminho é o sinal da paz profunda, consolação espiritual, do amor a Deus e de todas as coisas em Deus. (SPADARO, 2013, p.27)

Um dos pontos importantes do Concílio foi a afirmação do primado da Palavra. Devolvida aos fiéis leigos, a Bíblia é que deve ser “lâmpião” (apropriada imagem muito usada por Carlos Mesters). Hoje vê-se com mais clareza que a busca e o encontro com Deus na história supõe o discernimento à luz da Palavra de Deus. Diante da Palavra, no silêncio da oração, olhamos para a vida e os seus vários caminhos. A Palavra de Deus interpretada com os novos recursos hermenêuticos é que vai orientar as decisões. Bruno Secundin (2002) vai lembrar do desabrochar de experiência e de diferentes métodos de lectio divina provocados pelo hábito mais frequente de usar a Bíblia e não os “textos pré-fabricados com vagas sugestões bíblicas” encontrados em “livros de meditação” (p.54). A Bíblia deve ser parteira, afirma Queiruga (2002, p.46): “A palavra reveladora dirige-se à nossa vida e a nosso mundo, para desvendá-los em sua realidade última e definitiva. Por isso ela o faz solicitando nossa inteligência e batendo à porta de nossa liberdade; não como imposição autoritária ou alienação intelectual.” A Palavra de Deus, diante da qual nos colocamos com disposição ao acolhimento, faz vir à luz o sentido dos desafios atuais no contexto amplo de nossa missão integral, isto é, nossa participação pessoal no projeto de Deus que é o seu Reino de amor.





Conclusão

E para concluir, cabe perguntar: Nesse contexto, o que é evangelizar? Não é, com certeza, impor uma doutrina ou uma lei, incutir no outro uma verdade, ensinar preceitos religiosos. É preciso sair, como indica Francisco, da Igreja que fica, aquela que tem em seu centro a instituição, e se integrar ao projeto da criação de uma nova cultura eclesial e uma nova cultura do encontro que superem a simples função administrativa e pastoral pelo serviço ao outro, o individualismo edonista da cultura de consumo e a tecnocracia a serviço do capitalismo mundializado, como mostra Passos (2016, p.132). Vale muito entender essa passagem de uma Igreja que fica a uma Igreja em saída na obra *A Igreja em saída e a casa comum* de João Décio Passos (2016).

Para esse autor, o programa da Igreja em saída proposta por Francisco está em sintonia com o Concílio e seus desdobramentos latino-americanos. Afirma a relação entre Igreja e mundo sem perder a perspectiva crítica, buscando evitar posturas extremas que acabam levando ao temor do mundo e conseqüente fechamento em si mesma; ou, por outro lado, à dissolução no mundo pela reprodução das dinâmicas da sociedade atual que trazem como conseqüência o individualismo e o hedonismo. É Igreja que se coloca a serviço da vida em todas as dimensões numa relação crítica e criativa com o mundo. Essa relação calibra a comunidade em relação à sua fonte e sua finalidade, o serviço. A abertura ao mundo que leva ao encontro com a diferença permite a quebra da rigidez. “A volta permanente às suas origens renova sua organização institucional, quebra suas fixações históricas e seus modelos cristalizados e permite buscar as respostas práticas e até teóricas para as demandas da história.” (PASSOS, 2016, p.14)

Engajar-se no programa de Igreja em saída exige certamente que todo o povo de Deus – clero, laicato e vida religiosa – unidos de mãos dadas, cultive uma espiritualidade fundada numa mística de olhos abertos para os sofredores desse mundo, nutrida pela palavra e disposta ao esforço do discernimento contínuo pessoal e comunitário.

Reflexão

- Como podemos entender a centralidade do compromisso com o Reino de Deus anunciado por Jesus para a vida cristã nos tempos atuais?
- Como a comunidade pode ajudar o cristão leigo a cultivar uma vida de família mais aberta?





- O tema do discernimento espiritual tem tido lugar de destaque na pastoral? Como podemos transformar esse tema em proposta pastoral?

Referências

- METZ, Johann Baptist. *Mística de olhos abertos*. São Paulo: Paulus, 2013.
- MOINGT, Joseph. *Deus que vem ao homem: do luto à revelação de Deus*, São Paulo, Loyola, 2010.
- PASSOS, João Décio. *A Igreja em saída e a casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- FRANCISCO. *Amoris Laetitia*. Sobre o amor na família. Brasília: Edições CNBB, 2015.
- _____. Exortação apostólica *Gaudete et Exultate*. Sobre a chamada à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018.
- MOLTMANN, Jürgen. *A fonte da vida. O Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. *O Espírito da Vida. Uma pneumatologia integral*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- QUEIRUGA, Andrés Torres. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*. São Paulo, Ed. Paulinas, 2001.
- SECUNDIN, Bruno. *Espiritualidade em diálogo. Novos cenários da experiência espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- SPADARO, Antonio. *Entrevista exclusiva do Papa Francisco ao Pe. Antonio Spadaro*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.





O ENCANTO DA VIDA CONSAGRADA – PERDA OU OCULTAÇÃO?

PE. JOSÉ CRISTO REY GARCÍA PAREDES, CMF¹

Parece haver um pessimismo diante da vida consagrada como se ela fosse algo que está se acabando. Perde-se o seu encanto, reduz-se o campo de visão devido ao cansaço, da perda do entusiasmo, do frescor da fé. No entanto, há sinais de vitalidade por toda parte contra o individualismo, na imaginação sobre o futuro, na paixão pela Palavra de Deus, nas biografias encantadoras. Na verdade, na vida consagrada, sente-se a força transformadora da Palavra, o sopro do Espírito que advoga nos consagrados. E, sobretudo, a compreensão da “Missio Dei”, como um encanto especial, faz os religiosos se perceberem não cidadãos de um “chão específico”, mas encantados pela missão, pela comunhão e pela espiritualidade.

Vida Consagrada – “uma anciã encantadora”

A vida consagrada em todas as suas formas (monástica, conventual, apostólica, laical, clerical, feminina, masculina) pode ser representada como uma “anciã” que ainda se mantém em vida, que tem a cabeça, o coração – ainda que em muitas ocasiões se veja reduzida em sua capacidade de ação ou mobilidade mostrando-se frequentemente cansada.

¹ Claretiano, espanhol, autor de mais de 30 livros, doutorou-se em teologia (em Roma), professor de diversas disciplinas teológicas, especialmente sobre a vida consagrada, teologia da missão e do carisma em Madrid, em Manila (Filipinas) e atualmente, Diretor do Instituto Teológico de Vida consagrada em Madrid.





Trata-se de uma “anciã encantadora” que não perdeu sua misteriosa capacidade sedutora. É questão de como nós a percebemos. É certo que quando assume uma “nova forma” (novas fundações) se apresenta sem ambiguidade e seu encanto deslumbra. Não é assim quando se torna repetitiva, tradicional, rígida, cega. São tais as expectativas que esta forma de vida suscita em nós, os que nos sentimos chamados a ela, que facilmente passamos do encanto ao desencanto, da felicidade à frustração, da valorização ao desprezo. Isso deve-se não à perda de encanto, mas antes ao seu ocultamento.

I. Perda de Encanto

Não podemos negar que a vida consagrada esteja submetida a uma compreensível perda de encanto. O que envelhece perde a flexibilidade, adoece. Não tem, como é óbvio, o encanto da infância, da juventude ou da maturidade esplendorosa. A vida consagrada não está isenta das leis da biologia. Existe uma curva vital que afeta toda realidade humana, seja individual, seja coletiva: nasce, cresce e chega a um topo, decresce e morre. Nossa existência se desenrola entre o amanhecer e o entardecer, entre a aurora ou o esplendoroso ocaso. Assim é a existência humana: deve dar muitas voltas.

a) A curva vital. Todo instituto de vida consagrada está submetido a esta curva vital. A nenhum se lhe prometeu a graça da imortalidade. Por isso, os institutos nascem, crescem, decrescem, morrem. Aqueles que observam este fenômeno desde a história, da sociologia, costumam falar de uma média de trezentos anos para todo o processo, desde o nascimento até o ocaso. Esta regra tem sido desmentida em alguns casos. Um instituto quando nasce tem a energia surpreendente da semente; poucas pessoas carregam em si mesmas o encanto de um futuro possível. Quando um instituto está a ponto de morrer, dezenas de pessoas idosas carregam em si mesmas os sinais do mais profundo desencanto. É que a curva vital é irreversível. Na parte ascendente da curva há ilusão, capacidade criadora, sonhos, fé na superação das adversidades. Quando se consegue o topo do êxito, inicia-se a descida. Surgem dúvidas, controvérsias, divisões, enfrentamentos, perdem-se as forças. A instituição mantém o que o carisma está perdendo. Assim se chega ao insustentável, às decisões drásticas, à esterilidade carismática e... ao fim.





b) O que acontece hoje? Isto que afirma a teoria sociológica é o que está acontecendo atualmente na vida consagrada? Detecta-se na vida consagrada do começo do século XXI uma séria perda de encanto, de vitalidade? Eu creio que não – ao menos na vida consagrada enquanto tal, pelo que direi depois. Porém está se produzindo um ocultamento, uma perda do campo de visão que tem efeitos negativos. Também é possível que em alguns grupos se esteja chegando a uma situação de metástase, de morte; porém não é um diagnóstico válido para o conjunto. Aqueles que se desencantam estão equivocados: não têm razões para isto. Esse equívoco, porém, se deve àqueles que pertencem a organismos um pouco ou muito envelhecidos. A necessária biodiversidade: ainda não compreendemos e não desfrutamos a necessária biodiversidade das pessoas que formamos. Muito facilmente a diversidade se converte em motivo de enfrentamento manifesto ou solapado, de crítica corrosiva ou de murmuração compensatória; ao não “compreender” o ser diferente, estreita-se o espaço de nossa alma (da magnanimidade passamos à pusilanimidade), nos tornamos incapazes de acolher o diferente, convertemos em motivo de luta aquilo que nos haveria de levar ao diálogo de vida, à tolerância, ao respeito mútuo, à harmonia. Não se torna encantadora uma comunidade de pessoas que se enfrentam, em crítica ou murmuração permanentes, divididas em facções.

c) Nosso campo de visão. Reduzimos nosso campo de visão excessivamente ao lugar em que estamos, às atividades que desenvolvemos; esquecemos nossa condição de “corpo em missão”; não nos sentimos envolvidos na atividade do corpo, o que nos parece “estranho” a nós mesmos nos compensa; aí surgem ressentimentos em quem, em outros tempos, foram “muito” e agora são “nada”; receios – quando não invejas – ante os que agora são protagonistas, porém “com outro estilo”. Não se torna encantadora aquela comunidade na qual estes normais sentimentos não são compreendidos, mas apagados, superados.

d) O frescor da fé. Vamos perdendo o frescor da fé, entramos na “rotina religiosa” de normas que se tem que cumprir, porém que não revitalizam o coração nem as relações, ou na “anomia religiosa” dos que depreciam ou não valorizam os atos comunitários de oração, o estilo “religioso” de vida, a força da reconciliação que podem ser diferentes de outrora. Surgem daí comunidades sem encanto espiritual, sem estímulo mútuo no seguimento de Jesus, sem influência positiva na missão.





e) A deterioração carismática. Confundimos o crescimento do número de pessoas enfermas, limitadas e impossibilitadas ou aposentadas em seus serviços institucionais, com a deterioração carismática, quando não deveria ser assim: essa aproximação ao “gólgota” individual acrisola as pessoas, torna-as mais abertas à graça, converte-se para não poucas delas em um “kairós” purificador, unificador. A perda da ordem exterior não lhes tira encanto à aparição da pobreza, da necessidade permanente. Não tinha encanto ver Jesus rodeado de tantos enfermos, pessoas que acorriam suplicantes a ele?

f) Vida consagrada cansada. Há cansaço na vida consagrada: em alguns casos porque nos toca, compete, viver uma etapa da vida consagrada de autêntica refundação institucional, pastoral ou missionária, motivada pelo Concílio Vaticano II, ou porque quando as forças do conjunto fraquejam, há grupos de pessoas que se veem sobrecarregadas com a herança recebida. Os sintomas de cansaço são muitos e, por isso, é frequente escutar nossas irmãs e irmãos aspirarem a “um descanso”, um ano “sabático” que os desacelere, faça descansar, porém não mais no céu, senão aqui na terra. Na vida consagrada não falta encanto, ainda que haja entre nós pessoas desencantadas. Porém, devemos dizer a elas, ou a nós mesmos – quando chegarmos a essa situação – que não há motivos para isso.

II. Quando o encanto se desvela, sai de seu ocultamento

Não pensemos em idades, em números, senão em pessoas. O que mal chamamos “vida consagrada” – pois consagrada é toda forma de vida cristã – está formada por um conjunto de biografias nas quais a aliança com Jesus é o ponto nevrálgico central. Temos a graça de viver intensamente a fraternidade, a sororidade.

a) Contra o individualismo. O individualismo encontra entre nós muitas resistências. Basta ver as vezes que nos reunimos, que planejam juntos, que realizamos projetos, que pensamos juntos, que nos elegemos democraticamente. Nossas economias são cada vez mais transparentes, nossos bens mais compartilhados, vamos nos sentindo cada vez mais corresponsáveis pela sua administração. A oração comunitária – que supera nossos dias, acende nosso desejo pessoal do encontro com Jesus.

b) Imaginar o futuro. Nestes últimos anos representantes de nossos grupos se reúnem para imaginar o futuro, fazer projetos viáveis, sonhar





a missão em tempos de pós-modernidade, globalização. Temos sentido uma chamada muito forte para descobrir nosso lugar dentro da profecia cristã. Temos sonhos impossíveis. Isso são nossos carismas coletivos! Sentimo-nos pescadores de homens, porém são muitas as noites nas quais não pescamos nada. Por isso, quando Jesus realiza seus milagres não saímos de nosso espanto, não sabemos como agradecer-lhe. Ele nos diz para “remar mar adentro”. E nós temos deixado nossas “margens” nas quais nos sentíamos seguros, para entrar no desconhecido: voltamos a ser seres que buscam a passagem ao oceano profundo, saímos às vezes das águas territoriais e entramos em zonas muito inseguras do quarto mundo, de outros mundos. Estamos sendo pouco acompanhados, às vezes até parece que perdemos a empatia com nossa forma de ser, de sonhar.

c) Paixão pela Palavra. Apaixona-nos, cada vez mais, a Palavra de Deus. Ela é nossa norma, nossa constituição fundamental. Por isso, somos daqueles que junto ao lago se sentem cativados por Jesus que proclama a Palavra. A Bíblia nos apaixona como nunca. Ela ilumina nossos passos. As bíblias das pessoas consagradas estão cheias de sinais sublinhados, memórias vitais. A oração dos salmos em nossa própria língua tem interiorizado esta oração bíblica em nossos corações. Com essa linguagem expressamos frequentemente nossos mais ocultos sentimentos. Os salmos nos apaziguam, nos trazem serenidade, nos impulsionam, nos entusiasmam, nos enchem quando o coração está seco.

A Palavra nos leva a confiar muito no Senhor. Ele está fazendo com que uma pesca abundante esteja acontecendo em lugares até agora estéreis. Eu contemplo pasmo com que força surge esta forma de vida nas jovens gerações vietnamitas, chinesas, tailandesas, coreanas, filipinas, indonesianas, congoleesas, sudanesas, angolanas. A chamada velha vida consagrada europeia não perdeu seu encanto. É mais apreciada do que parece. Quando um ancião religioso ou religiosa vai embora, há um lamento, há um vazio. Aqueles que pensam que isto se acaba, não têm fé no Espírito; aqueles que dizem amar a vida consagrada, porém desconfiam dos religiosos e das religiosas, do que são, do que fazem, distanciam-se muito do coração de Deus. Querem nos refundar a partir de um espiritualismo que em nosso discernimento já temos abandonado; desde um formalismo que em nosso discernimento nos parece inimigo da caridade, da igualdade fraterna. Nós temos conhecido o Amor. O Amor nos diz que entre nós não deve haver distinção de culturas, de gênero, senão ser um em Cristo Jesus.





d) O Espírito, nosso advogado. Cremos muito seriamente na presença do Espírito, nosso Advogado. Por isso, as dificuldades não nos jogam para trás. Há pessoas que são estrelas fugazes. Nossos institutos têm anos-luz. Nós identificamos aquilo que disse o Cardeal Martini, comentando as três negações de Pedro: “como Pedro, nós não nos apresentamos como exemplos de perfeição; porém, como exemplo de pessoas agraciadas com a Misericórdia”. Não queremos apropriar-nos de nada. Preferimos partilhar tudo. Pouco a pouco vamos nos curando de nossos coletivismos individualistas. Porém isto não nos faz perder nossa identidade. Basta conhecer de verdade nosso coração para ver que aí há uma marca carismática indelével.

e) Biografias encantadoras. Nestes últimos tempos, morreram religiosos a quem quero render homenagem. Madre Estefânia, Irmão Javier, Padre Pablo, Domingo Moraled.

Madre Estefânia é uma “Irmã” que, por sua energia e entusiasmo, sua paixão evangelizadora, sua caridade feita hospitalidade tornou-se conhecida por todos como “mãe”: mostrou como uma mulher pode dirigir comunidades nos cinco continentes a partir das comunidades, grupos humanos dos mais pobres entre os pobres. Era uma mulher que não via em parte nenhuma o desmoronamento da vida consagrada, mas antes via renascer sua ramificação em todo o mundo.

O Irmão Javier era “o irmão” por excelência. Não quis outro título. Apresentava-se humilde, serviçal, amável, inteligente. Os pobres o procuravam constantemente. A gente simples confiava com ele. Voltou-se para a oração. Entendia a juventude. Não entrou nunca na política partidária, tão frequente hoje em alguns setores eclesiais. Valorizou a juventude na vida consagrada, as touradas de São Firmino o encantavam, bem como alguns programas de televisão. Nele a vida consagrada se fez santidade de nosso tempo.

Padre Pablo foi missionário nas Filipinas (mestre de noviços, provincial), depois missionário na Indonésia. Redescobriu o “apostolado dos pés”. Jesus “lavou os pés dos discípulos” na última ceia. Quem se dedicou no princípio a ensinar as cabeças, acabou sendo o missionário dos pés. Dedicava horas e horas à reflexoterapia. Era doutor, pondo-se aos pés. Eu também desfrutei de suas mãos que a todos curavam, porque estavam conectadas com um coração que em tudo acreditava e esperava. Aí, aos pés da gente mais pobre, ele era presbítero, confiante, evangelizador, mais que amigo. Esvaneceu-se enquanto celebrava a últi-





ma eucaristia do ano. Seu espírito despertou uma grande comunidade de gente que o amava, pois havia recebido sua influência.

Domingo se converteu em um dos meus melhores amigos. Recebi dele a força da missão, a missão antes de tudo! Sonhava evangelizar o mundo, especialmente a Ásia. Fundou o Instituto de Vida Consagrada para Ásia (ICLA), que se tornou famoso em todo esse continente em um tempo recorde. Para lá os bispos do Vietnã, China, Índia, Bangladesh, Indonésia, Tailândia, Mianmar, Ilhas do Pacífico... enviavam seus jovens para que se formassem no espírito missionário, na espiritualidade na vida consagrada. Morreu apoliticamente, no dia de Todos os Santos, deixou atrás de si um caminho de vida apaixonante.

Estefânia, Javier, Pablo, Domingo são quatro dons do Espírito. E, como ela e eles, inúmeras outras pessoas que poderiam tornar interminável este parágrafo.

Assim é a mal chamada “vida consagrada”: um tecido de biografias, de histórias, nas quais o Espírito vai fazendo suas “silenciosas” maravilhas. É um grupo histórico que nunca como agora está obedecendo à Palavra, que se proclama abundantemente nas comunidades. É que a Palavra é poderosa, é transformadora, como uma espada de dois fios. É que a Palavra de Jesus é a causa de nossa forma de viver. É a causa de nosso desejo permanente de transformação.

III. Três dimensões essenciais de seu encanto

a) O encanto da missão. Aqueles que fazemos parte da vida consagrada apostólica não somos cidadãos duma cidade, diocesanos duma diocese, habitantes duma casa. Aquele que nos elegeu o fez “para que caminhemos...”, “para enviar-nos...”. Somos itinerantes, seres limítrofes, samaritanos pelos caminhos do mundo. Há graça suficiente para preencher a vida de sentido.

O Espírito que habita em nós é o Espírito da verdade. A Ele nós confiamos quando discernimos a missão para a qual nos envia. É admirável ver como se entrecruzam, como se configuram os diversos projetos, quando nos abandonamos ao protagonismo do Espírito. Surgem por toda parte comunidades de acolhida, ou comunidades-presença nos mais remotos pontos da geografia. A criatividade dos indivíduos se torna viva, emergem então as iniciativas mais inesperadas no âmbito da arte, da ciência, da espiritualidade, do ciberespaço, da promoção humana.





Tomamos consciência, progressivamente, de que a missão não nos pertence. Somos nós que pertencemos à missão. É a missão que nos constrói e configura, não somos nós que fazemos a missão. É ela que vai impondo entre nós a consciência da “Missio Dei”, de que são Deus Pai, Jesus Ressuscitado por meio do Espírito Santo que realizam a missão “hoje”. Nós queremos ser humildes colaboradores/colaboradoras. É essencial para a vida consagrada o discernimento do Espírito, para atuar ali onde o Espírito a guia. Por isso, a missão tem um encanto especial. Ninguém é dono de seu destino. Mas, deixa-se levar pelo Vento do Espírito em cada tempo, em cada circunstância. A missão é mais mística que ascética, mais paixão que ação, mais milagre que projeto exitoso. A pessoa que tem consciência de ter sido chamada a participar na “Missio Dei” sabe que só “o envio de Deus” há de marcar sua agenda, sua atuação: por isso, mesmo quando parece que sua missão não é desejada, não retira. A missão não se intromete ali onde Deus não a envia; mas põe-se imediatamente em movimento quando reconhece uma vontade de Deus sobre sua vida. Não é encantadora uma vida assim, marcada pela graça, não pela necessidade, orientada pelo mistério, não pelo vão realismo?

Não existe aposentadoria na missão profética testemunhal, na vida consagrada. Há profecia na juventude, na velhice, na saúde, na doença, no fracasso, no êxito. Pode-se ser testemunha em toda circunstância: basta possuir a experiência do Mistério de Jesus Ressuscitado para poder testemunhá-la. A pessoa consagrada pode ser testemunha sofrendo, morrendo ou nesse lento martírio-testemunho da vida ordinária. A vida consagrada tem o encanto da missão quando é contemplada desde “outra dimensão”: não do trabalho, nem do emprego, não da produtividade, nem da eficiência, senão do “envio”, da “paixão”, da “graça” de fazer algo de Deus presente em nossa comunidade humana, em nosso Planeta.

b) O encanto da comunhão. Não deixa de ter seu encanto também a pertença a uma comunidade humana transnacional, transcontinental, transracial, transcultural. A vida consagrada, por um estranho milagre, vai sendo tecida através do atrativo que a vocação carismática exerce em pessoas de diferentes nações, culturas, línguas, continentes. Quando a comunidade local é vista a partir da perspectiva de todo o instituto, se descobre que ela é unicamente uma parte da família global. No conjunto global de todas as comunidades em conexão se percebe o desenho carismático que abraça a geografia do nosso Planeta. O que não se tem conseguido, ainda, na configuração político-econômica do mundo, se





antecipa já nos institutos religiosos: comunidades de homens e de mulheres que superam todas as barreiras políticas, que se reúnem como irmãos/irmãs para viver um projeto comum, para decidir um destino.

Nossas comunidades não se sentem ligadas a um lugar preciso, nação ou grupo humano. Só a missão carismática justifica sua presença. Por isso, a mobilidade carismática tem levado a deslocamentos provocativos, a opções muito sérias. Em poucos anos, a geografia dos institutos religiosos se transforma, os grupos comunitários se refundam. A mudança de irmãos ou irmãs da comunidade nos obriga a um constante reposicionamento de nossas relações, de nossa convivência, de nossa contribuição à grande comunhão do instituto. Como vemos, trata-se de uma forma de vida bastante alternativa dentro do conjunto da humanidade. O grande objetivo da comunhão global de um instituto não é a criação de um organismo isolado e independente, senão de um organismo inserido noutro macro-organismo, que é a Igreja – Corpo de Cristo, que é a humanidade, a terra dos viventes – espaço do Reino de Deus. Queremos ser um micro-organismo revitalizador, positivo, regenerador num agregado enfermo ou viral. Por isso, que ninguém estranhe se nossa comunhão interna fica sempre relativizada ante um projeto de comunhão maior que nos conecta com as igrejas particulares, a igreja mundial, com a humanidade, a terra, suas grandes causas.

c) O encanto da espiritualidade. As gerações atuais têm sede de mística, de absoluto. Por isso, os jovens vão, em geral, satisfazer sua sede em diversas formas de pseudomística política (antiglobalização, “outro mundo é possível”, “podemos”), religiosa, desportiva, artística. Estamos buscando a Deus. Porém ignoramos o caminho. Os que o conhecem estão escondidos. Não são visíveis nesta nossa sociedade. Qual é o caminho para a mística? Nossas grandes famílias espirituais nos querem conduzir à união mística, nos indicam que fazer depois da segunda conversão, quando um decide viver a vida perfeita, a vida de amor, a vida maravilhosa no “raio de trevas” (Dionísio, o Areopagita). Chegar à união com Deus, com sua vontade, com o Absoluto, com o Mistério, implica – assim mesmo – chegar à unificação. Tudo o que em nós está dividido, quebrantado, pluralizado, se une na mística unificação, integração. O diabólico em nós divide, nos faz “ser legião”.

O divino nos unifica, nos leva à unidade. Para esta meta desejam conduzir-nos os caminhos de espiritualidade. Por isso, nos perguntamos, qual é, hoje, na sociedade da informação, o caminho para a união com a vontade de Deus, a integração unificadora de tudo o que acontece





em nós? O caminho para a mística é um só: a oração, o abandono à vontade de Deus. Santa Teresa de Jesus dizia que para a união com Deus só há um caminho! “É a oração; se lhes indicam outro, os enganam” (Caminho da Perfeição, cap. 23). Porém, continua dizendo Teresa de Ávila que o objetivo da oração não é “satisfazer a alma de delícias”. Isso seria um erro profundo. O objetivo da oração é o de sempre: “produzir obras e mais obras”. Deus chama todo o mundo à mística. “Se seu banquete não fora para todos, não nos chamaria a todos”, disse Teresa de Jesus. Todos beberão da água viva!

Santo Agostinho observou que todos podem alcançar a perfeição, porém são raros os que querem. Isso sim, os que querem costumam ser pessoas insatisfeitas. Aqueles que querem se reconhecem débeis, imperfeitos, incapazes de sair de sua miséria. Costumam ser violentos buscadores do absoluto. Espera-se o “fiat” destas pessoas. Karl Rahner (jesuíta alemão – 1904–1984, um dos mais influentes teólogos do séc. XX) esperava para o século XXI uma geração de místicos: “o cristão de amanhã ou será místico, ou não será nada”. Henri Bergson (filósofo e diplomata francês, 1859–1941), dizia “cheguei à conclusão de que o verdadeiro super-homem ao que Nietzsche se referia – é o místico... porém o é com uma diferença: sente-se o super-homem, todavia não tira disso nenhuma vantagem, porque Ele sente que por si mesmo não seria nada”.

Entre estes caminhos de espiritualidade reconhecemos que a vida consagrada dispõe de maravilhosos caminhos, percorridos por aqueles que nos precederam. É certo que hoje devemos reinventá-los dentro do novo panorama mundial da mudança de época que estamos vivendo. Numa mudança de época, como a que estamos vivendo, a espiritualidade necessita ser reenfocada, rediscernida. É “beleza sempre antiga”, porém, também “sempre nova”. Entretanto, a grande questão que se nos coloca não é “o que”, senão “o como”. Nossa pergunta se torna oração: “Veni, sancte Spiritus!”. O Espírito Santo nos ajuda a reenfocar, rediscernir, recriar a espiritualidade que hoje se nos concede. A espiritualidade e a mística têm o encanto de todos os encantos, a graça de todas as graças. De fato, ante esse mistério todo o mundo se inclina. Esse é o tesouro que temos ao alcance da mão em cada um de nossos institutos. Com a vantagem de que as maiores dificuldades se convertem em caminho que torna possível a mística.





Conclusão

67

A vida consagrada nasce da graça, tem graça, produz graça. Nela se encontra a gratuidade por toda parte, o encanto de Deus a envolve. Porém não é acessível a qualquer olhar. É preciso situar-se em outra dimensão. Como livros do “olho mágico” é preciso olhar a distância adequada para focar a visão a partir de um ângulo preciso. Dessa forma, pode-se ver em alto-relevo um maravilhoso espetáculo que à primeira vista parecia um hieróglifo, um enigma.

CONVERGÊNCIA – Ano LIV – Nº 520 – Abril 2019





EXISTE VIDA (RELIGIOSA) NO MUNDO DIGITAL?

FREI GUSTAVO WAYAND MEDELLA, OFM1

São muitos os termos e conceitos que na Vida Consagrada apontam para o mundo da Comunicação. O próprio termo “vocação” remete a um intercâmbio comunicativo divino-humano entre Aquele que chama e o que é chamado. O Mistério da Encarnação, fonte da qual nasce a Vida Religiosa Consagrada (VRC), diz respeito à Palavra que se faz carne para tornar-se comunicação mais plena e vital. Os carismas nascem da comunicação entre a inspiração de Deus e a intuição de um fundador ou de uma fundadora que se deixam interpelar pelas provocações da realidade de seu tempo. Sendo assim, nota-se que, desde sua raiz teológica, é próprio da VRC ser a Comunicação da Graça na vida e na história do mundo.

Desta forma, compreender a dinâmica comunicacional que rege a sociedade hodierna é tarefa que se mostra fundamental para quem decide seguir este caminho radical de consagração a Deus e serviço à humanidade. Mais do que compreendê-la a partir do viés prático ou de estratégias comunicativas, faz-se necessária uma reflexão mais profunda para que o religioso e a religiosa possam assumir com qualidade o seu lugar numa sociedade que possui na Comunicação, especialmente aquela mediada pelos novos meios tecnológicos, um elemento fundamental para sua melhor compreensão.

1 Coordenador da Frente de Evangelização da Comunicação da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil. É formado em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, e Teologia pelo Instituto Teológico Franciscano, de Petrópolis, RJ. Possui Pós-Graduação em Comunicação e Cultura pela PUC-SP/SEPAC. Atualmente pertence à Fraternidade do Convento São Francisco, em São Paulo, SP.





Comunicação como processo dinâmico e transformador

Modelos esquemáticos, como o baseado na tríade EMISSOR–MEN-SAGEM–RECEPTOR, podem ajudar a compreender os passos que compõem o processo comunicacional, mas certamente não conseguirão dar conta de muitos outros elementos que fazem parte do complexo exercício de comunicar. Esta linguagem esquemática entrou no estudo da Comunicação por conta da tentativa de se compreender o processo comunicacional a partir de categorias oferecidas pelas ciências físicas ou da natureza. Tais ciências pensam a comunicação a partir de sistemas não-humanos, como redes elétricas e hídricas, sistemas de transportes, etc.

No entanto, quando se refere à complexidade do ser humano, tais categorias se mostram insuficientes para compreender todo o dinamismo de tal processo, que perpassa a cultura, a fisiologia, a constituição emocional, os elementos íntimos e subjetivos de cada pessoa e do mistério que cada ser humano em si representa. Comunicação é um processo, um encontro transformador, que marca, muda e mobiliza, que leva à reflexão, expresso na particularidade de quem se comunica. O processo comunicacional é marcado por interesses, desejos, aspirações, paixões e estímulos diversos, daí a importância de situações particulares de afeto, abertura e dedicação, que influem decisivamente nele.

A Rede como ambiente

A popularização da tecnologia e o rápido crescimento do número de aparelhos interligados em rede produziram uma verdadeira revolução no seio da sociedade, provocando transformações nas relações humanas, no modo de organização da vida e também suscitando uma revisão de conceitos até então mais ou menos estáveis. Diversos pesquisadores afirmam que a internet ultrapassou o status de mero instrumento para transmissão de dados e informações para se tornar um ambiente humano onde a vida acontece, um ambiente existencial. Na rede, as pessoas estabelecem relacionamentos, resolvem questões do cotidiano, partilham situações existenciais, informam-se sobre os acontecimentos de interesse público, e também privado, ou seja, vivem.

Nos seus primeiros anos, quando se expandiu e se popularizou, a internet distinguia-se como uma grande concentração de informações e conteúdos de diferentes áreas que se organizavam em forma de pá-





ginas (websites) (Web 1.0). Este período se diz: “Tal era foi marcada por sites que apenas publicavam conteúdo, caracterizando-se como uma forma digital de fazer exatamente a mesma coisa que a mídia impressa fazia há séculos” (PATRIOTA, R.; PIMENTA, K., 2008)². Com o amadurecimento da internet, passou-se a perceber na rede mais do que a possibilidade de armazenamento de conteúdos, mas um verdadeiro ambiente que poderia organizar a vida em muitos aspectos a partir da plataforma digital. O ambiente digital foi se tornando cada vez mais interativo, de maneira que, a partir de 2014, surgiu o termo “Web 2.0”, provocando uma nova abordagem da tecnologia.

Neste contexto, as informações não são mais apenas “consumidas” pela audiência, mas permanentemente reelaboradas. Por exemplo, o ouvinte acaba de ouvir uma entrevista na emissora de rádio, posta um comentário em sua rede social, um terceiro usuário compartilha e um outro que lê o comentário posta na Fan Page da emissora no Facebook uma consideração sobre a fala do entrevistado.

Na esteira do aprimoramento, mais recentemente ainda já se fala em web 3.0. Neste cenário, adquire importância a “inteligência da máquina”, conforme explica o pesquisador Lawrence Koo, ao descrever o que diferencia a web 2.0 da web 3.0, também chamada de Web Semântica:

Para facilitar o entendimento desta interação entre o ser humano e a máquina mediada pela chamada “inteligência coletiva”, um exemplo prático e do dia a dia: “Suponhamos que eu queira comprar um presente de Natal para meu amigo secreto. Para tanto, eu devo descrever as características do meu amigo secreto, tais como, sua faixa etária, seu nível de educação, seu sexo e o valor que estou disposto a gastar, etc. e o serviço da Web me retorna mostrando quais são os presentes que estão encaixados nesses critérios e fornecendo o melhor custo/benefício sem interferência humana” (KOO, 2009)³

De acordo com o IBGE, o percentual de pessoas no Brasil conectadas à internet saltou de 20,9% em 2005 para 63,3% em 2018, totalizando 116 milhões de pessoas. Neste ambiente, com suas potencialidades e limites, a VRC é chamada a dar testemunho de Jesus Cristo (Cf. Papa Bento XVI, Mensagem para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais).

2 PATRIOTA, K.; PIMENTA, R. Da Mídia 2.0 para a Mídia 3.0: perspectivas da próxima onda na Web. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal: Intercom, 2008. <Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1902-1.pdf>>.

3 KOO, L. O papel da Web 3.0 no consumo contemporâneo. *Pensamento & Realidade*, São Paulo, v. 24, n. 2, 2009. <Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/7086/5127>>.





Potencialidades e riscos da Rede: a importância de nos remetermos ao Evangelho

Na Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações, o papa Francisco inicia o texto afirmando que:

Hoje vivemos num mundo que está a tornar-se cada vez menor, parecendo, por isso mesmo, que deveria ser mais fácil fazer-se próximo uns dos outros. Os progressos dos transportes e das tecnologias de comunicação deixam-nos mais próximos, interligando-nos sempre mais, e a globalização faz-nos mais interdependentes. (Papa Francisco, Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações).

Está cada vez mais fácil e barato nos comunicarmos com pessoas em diferentes partes do globo terrestre, todas elas ao alcance de um click, de maneira a configurar o ambiente virtual não como uma rede de fios e equipamentos (Cf. Papa Francisco, 48º Dia das Comunicações), mas uma rede de pessoas, e mais, uma rede de relações.

No entanto, faz-se necessário deixar claro que, ao mesmo tempo que as plataformas de rede são um conjunto de ajuda potencial para as relações, podem representar também uma ameaça. O próprio papa Bento XVI recorda que a relação mediada pela rede é sempre necessariamente incompleta, se não estiver de alguma forma atrelada ao contato presencial:

Seria triste se o nosso desejo de sustentar e desenvolver as amizades on line se realizasse à custa da disponibilidade para a família, para os vizinhos e para aqueles que se encontram na realidade de todo dia no local de trabalho, na escola, no lazer. (Bento XVI, Mensagem para o 43º Dia Mundial das Comunicações).

Na mesma mensagem, o Pontífice adverte para o risco de isolamento social que assola todos aqueles que fazem do desejo de conexão algo obsessivo. Importante notar que a rede, chamada para conectar, caso leve ao isolamento, está traindo a si mesma. O desafio aos cristãos é o de serem propagadores da lógica Evangélica (encontro, dom e cuidado) no ambiente da rede e, também aí, estão em vigor todos os valores próprios da identidade cristã: verdade, caridade, justiça, liberdade, misericórdia, serviço e gratuidade.

Para esta propagação (evangelização), permanece vivo e válido o binômio proposto pelo papa Paulo VI em sua Exortação Apostólica *Evangelium Nuntiandi*: anúncio explícito e testemunho, também no mundo da rede.





Sendo assim, mais do que presença através da produção e divulgação de conteúdos devocionais, doutrinários e catequéticos, a vida cristã na rede deve se configurar numa presença compromissada em “levar vida, e vida em abundância” (Cf. Jo 10,10), para todos os que circulam pelo mundo digital.

Quando ainda arcebispo de Buenos Aires, em discurso aos comunicadores da arquidiocese, o papa Francisco fez uma bela reflexão em torno da figura do “próximo” quando falamos de comunicação. Para nos ajudar em nosso percurso, apresentaremos, brevemente, o conteúdo desta mensagem, que parte da Parábola do Bom Samaritano.

Quando comunicamos, nossa palavra chega longe e também chega profundo. Somos capazes de tocar o coração humano, de despertar sentimentos, motivar escolhas, induzir a pessoa a organizar a vida, a eleger valores. Em termos cristãos e humanos, o mandamento de amar é claro para todos. Mas, e na vida concreta, quem é aquele que tenho de amar? Como me aproximo daquele a quem devo amar? Como se ama na rede?

Vamos à Parábola do Bom Samaritano (Lc 10,30-37) e os diferentes modelos de aproximação (ou não aproximação) humana que ela apresenta. Um homem caído à beira da estrada, roubado e espancado por assaltantes: passa o sacerdote e atravessa a rua para não se comprometer com a cena; passa o levita e procede da mesma forma, talvez com a mesma motivação do anterior. Passa o samaritano e se interessa por aquela vida: cuida, ampara, compromete-se, carrega para um lugar seguro e garante àquela vida os cuidados devidos e necessários.

A aproximação dos assaltantes, próxima em termos espaciais, mas distante em respeito, em alteridade, em interesse pelo outro: uma proximidade que violenta, machuca, agride, diminui e despreza, proximidade de quem se aproxima mal. É quando a comunicação se coloca a serviço do consumismo, da manipulação das pessoas em vista de interesses particulares e egoístas, quando serve à cultura do descartável, da exclusão, quando exalta e propaga valores de desagregação, discórdia, competição desleal e estéril. O recente fenômeno das Fake News é exemplo prático e atual do potencial de destruição de uma comunicação voltada para o mal. Só produz dor, abandono, feridas, perigo eminente de morte. Quantas são as vítimas que jazem à beira do caminho por conta de uma comunicação desta natureza?

Quando falamos de riscos (crimes, acidentes, imprevistos), devemos considerar que, enquanto ambiente humano, a rede também oferece





riscos e estes são muitas vezes potencializados por conta de um suposto anonimato. Sendo assim, a prudência, o discernimento, o diálogo, a conscientização e a educação são elementos fundamentais para a convivência na rede. Atenção também ao risco da superexposição e cuidado em se resguardar a privacidade também são atitudes necessárias e devem ser insistentemente tratadas, especialmente junto a jovens e adolescentes.

Outro risco a ser destacado e que, à primeira vista, pode parecer paradoxal, é o de que o ambiente da rede nos deixe privados de uma visão mais ampla em relação ao mundo, à vida e à realidade. Mas como um ambiente anunciado como a grande possibilidade de expansão de laços e relações pode nos levar a tal fechamento? Um exemplo: à medida que, através de suas interfaces e mecanismos próprios, as plataformas vão descobrindo nossos gostos, valores e prioridades, a tendência é que estes mesmos recursos direcionem imediatamente o nosso olhar para páginas, pessoas e expressões que, pelo menos em tese, estejam de acordo com o nosso perfil.

Na plataforma de busca Google, por exemplo, a partir de nossas pesquisas anteriores e dos dados que digitamos com maior frequência, o próprio programa já se adianta a nós e, por si mesmo, “coloca palavras” em nosso box onde digitávamos a nossa busca. É um direcionamento prévio que pode limitar nosso horizonte de busca e de pesquisa. Outro exemplo: podemos extrair do Facebook, rede social das mais conhecidas no mundo. De acordo com nossas amizades, postagens e publicações, nosso perfil vai se delineando e, aos poucos, estamos imersos num espaço “unilateral”, uma “bolha de proteção” onde nossos gostos e convicções são cada vez mais reforçados e confirmados, privando-nos do confronto com o diferente, do contato com o outro e de questionamentos importantes que nos poderiam enriquecer como seres humanos, cristãos, religiosos e evangelizadores.

A não-aproximação do levita e do sacerdote. Eles até eram próximos em termos de cultura e nacionalidade, mas estavam muito distantes em termos de humanidade. É a comunicação da exclusão, que passa adiante dos dramas humanos e não se comove, comunicação de quem só enxerga o próprio umbigo, de quem se fecha em sua pequena rede de interesses. É a cultura da invisibilidade, onde só se enxerga aquilo que convém.

A aproximação do samaritano. Esta é surpreendente e desconcertante. Aquele homem, mal visto pelos judeus, transcende a barreira de





toda diferença e se faz próximo daquele que precisa. Aproxima-se sem interesse pessoal nenhum, dispõe de seu tempo, de sua força física, de sua montaria, de seus recursos econômicos. É o cultivo de uma comunicação que busca a proximidade, a promoção da vida, a prestação de serviços, a cura das feridas do outro, sua libertação integral, em todos os âmbitos da existência. Todo nosso aparelho comunicacional – nossos recursos técnicos e humanos – deve estar a serviço deste modelo comunicativo, marcado pela verdade, pela ética, pela transparência, pela promoção da pessoa, pela humanidade própria daquele que se propõe a evangelizar. O bom samaritano de hoje passa não só pelas estradas, ruas e vielas das cidades, mas também pelas vias da comunicação.

E é na contramão de uma cultura de consumo, de exploração, de egoísmo, de morte que devemos caminhar também na rede. O próprio papa Francisco que, no início de sua mensagem, chama a atenção para a proximidade propiciada pela rede, logo em seguida adverte para as contradições que o avanço tecnológico não deu conta de solucionar:

Todavia, dentro da humanidade, permanecem divisões, e às vezes muito acentuadas. A nível global, vemos a distância escandalosa que existe entre o luxo dos mais ricos e a miséria dos mais pobres. Frequentemente, basta passar pelas estradas duma cidade para ver o contraste entre os que vivem nos passeios e as luzes brilhantes das lojas. Estamos já tão habituados a tudo isso que nem nos impressiona. O mundo sofre de múltiplas formas de exclusão, marginalização e pobreza, como também de conflitos para os quais convergem causas econômicas, políticas, ideológicas e até mesmo, infelizmente, religiosas (Papa Francisco, Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações).

E, mais adiante, o Pontífice nos exorta:

Não basta circular pelas “estradas” da comunicação, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos de amar e ser amados. Precisamos de ternura. Não são as estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação. O próprio mundo dos massmedia não pode caminhar alheio à solicitude pela humanidade, mas é chamado a exprimir ternura. A comunicação pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas. A neutralidade dos mass media é só aparente: só pode constituir um ponto de referência quem comunica colocando-se a si mesmo em jogo. O envolvimento pessoal é a própria raiz da fiabilidade dum comunicador. É por isso mesmo que o testemunho cristão pode, graças à rede, alcançar as periferias existenciais (Papa Francisco, Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações).





Ao “circularmos” pelo ambiente da rede, precisamos ser também portadores do “Evangelho da Alegria” (Cf. *Evangeli Gaudium*), promovendo a Epifania do Senhor, levando os “internautas” à transformação interior que advém de um encontro pessoal com o Senhor.

Propostas que perpassam a missão da VRC

Seguem alguns apontamentos que dizem respeito à presença da VRC no ambiente das redes e que podem servir para orientar nossa Formação Permanente neste aspecto da vida contemporânea.

- **Aprofundar-nos na compreensão de que a Rede não é um instrumento para Evangelização, mas ambiente onde devemos viver e testemunhar o Evangelho.**

Importante ressaltar que esta compreensão não se adquire da noite para o dia, especialmente para aqueles que, na classificação do estudioso americano Marc Prensky, são chamados de “imigrantes digitais” (nascidos até 1980). Os nativos digitais (nascidos após 1980), ao contrário, já cresceram neste ambiente e, por isso, assimilam mais facilmente as particularidades do mundo digital. No caso da tecnologia, a diferença entre gerações é elemento central para a compreensão de todas as consequências que o mundo digital trouxe para a vida em seus mais diversos aspectos. É necessário então que, na VRC, busquemos com frequência refletir em torno desta constatação e que procuremos sempre nos qualificar no exercício de Evangelizar o “mundo digital”.

O primeiro passo nesta direção seria, então, um esforço comum para compreendermos este fenômeno e nos posicionarmos diante dele buscando interpretar as suas consequências para a formação e a constituição do ser humano. Este dado não deve ser jamais ignorado por nossas instâncias de Formação Inicial e Permanente. Abrir espaços em nossos centros de estudo para a reflexão desta temática seria salutar e útil, assim como buscarmos formação e informação em torno deste tema em outros ambientes de cultivo do saber.

- **Promover um constante discernimento em torno do que significa seguir Jesus Cristo ao modo de Francisco no ambiente digital.**

Conforme vimos, o ser humano de nosso tempo não sofre pela falta de dados, conteúdos, informações. O grande desafio é, em meio a este turbilhão, descobrirmos as perguntas fundamentais e partilharmos as





nossas reflexões. Os valores intuídos por nossos fundadores e que nos levaram ao seguimento apaixonado do Senhor continuam vigentes, ainda no tempo da rede: caridade fraterna, espírito de serviço, respeito pela criação, amor incondicional a Deus, etc. Somos chamados a prestar atenção nestas epifanias que ocorrem no mundo digital e colocá-las à disposição de todos. Precisamos seguir o Mestre, que também circula no ambiente da rede. Por onde Ele anda nestas complexas veredas virtuais?

- **Avançar cada vez mais no diálogo e na comunhão em torno de nossa presença e atuação no mundo da comunicação**

Compartilhamento e colaboração são termos que fazem parte do cotidiano da rede. Basta olharmos para obras como a Wikipedia, uma enciclopédia virtual montada a partir do trabalho coletivo de milhões de usuários que colocam os próprios conhecimentos em comum. Ou então a função compartilhar, presente no Facebook, na qual todos os integrantes da rede podem compartilhar fotos, textos e mensagem que julgarem interessantes para tal. Neste âmbito, a rede nos estimula a apostar na lógica do dom, onde cada um coloca em comum o que tem, sem se preocupar com qualquer competição ou disputa. Partilhar o que temos em termos de estrutura material, estrutura de pessoal e possibilidades técnicas pode nos tornar mais fortes e eficientes no exercício de evangelização no ambiente digital.

Embora aqui não sejam o centro de nossa reflexão, os meios convencionais de que dispomos (rádio, TV, jornal, editoras) também representam uma riqueza evangelizadora, em torno da qual devemos também procurar excelência e qualidade profissional.

- **Buscar com insistência uma postura profética e propositiva**

Uma vez apontados os riscos destes novos meios, a primeira ação é prezarmos por um olhar autocrítico, tanto no âmbito pessoal como no ambiente fraterno. “Temos tido maturidade e prudência em nossa ‘circulação’ por este ambiente?”, “A tecnologia tem me ajudado a ser mais efetivo em meu trabalho evangelizador?”, “Que riscos o ambiente virtual traz para minha vocação e para a vida da fraternidade?” São algumas perguntas que não podem sair de nossos horizontes.

Outro compromisso profético é combater toda postura e atitude de desrespeito à vida e ao ser humano que encontrarmos na rede, assim como nos envolvermos, o quanto nos for possível, na discussão política em torno do controle e da organização da rede por parte do estado e de empresas privadas, buscando garantir a liberdade e a possibilidade de acesso ao maior





número possível de pessoas. Os temas da exclusão digital e da “morte em vida” daqueles que não têm acesso a este universo também devem estar permanentemente entre nossas principais preocupações.

- **Compreender a rede como indispensável plataforma de cultivo vocacional e irradiação do carisma**

É crescente o número de jovens que chegam até nós através dos meios digitais. E-mails, amizades no Facebook, mensagens no Twitter e outras chegam com muita frequência a nossas entidades. O rápido encaminhamento destas demandas, uma atenção personalizada através da rede e a disposição para atender a estas solicitações têm sido importantes meios para que possíveis candidatos à VRC cheguem até nós. A atenção adequada a este fenômeno deve ser parte integrante e indispensável de nosso Serviço de Animação Vocacional.

Na imensa gama de conteúdos e possibilidades que a rede oferece, temos notado considerável interesse por materiais que apresentam a nossa espiritualidade. Aproveitar este espaço para difundirmos nosso carisma deve também ser prioridade em nossa prática evangelizadora.

- **Apostar na força das pequenas iniciativas**

A comunicação popular e participativa deve ser o “fermento na massa” de nossa prática evangelizadora. Sem negar a influência do que uma vez se convencionou chamar de mass media, precisamos também romper com a tentação da megalomania para apostar na força do que é discreto, pobre, despojado, alternativo. Na direção deste modo comunicativo, tenho a impressão de que a nova ambiência gerada pela internet e pelas mídias sociais possa ser lugar propício para esta presença efetiva, através de blogs, vídeos, produções de WebTV e WebRadio, difusão de artigos, material formativo, mobilização de pessoas, sem jamais se contrapor à riqueza dos encontros presenciais ou buscar substituí-los.

Neste sentido, adquire grande relevo a consideração contida na Instrução Pastoral Aetatis Novae, de 1992:

As comunicações têm a capacidade de pesar, não só os modos de pensar, mas também os conteúdos do pensamento. Para muitas pessoas, a realidade corresponde ao que os mass media definem como tal; o que os mass media não reconhecem explicitamente torna-se também insignificante. O silêncio pode assim ser imposto, de fato, a indivíduos ou grupos que os mass media ignoram; a voz do Evangelho pode, ela também, ser reduzida ao silêncio, sem ficar por isso completamente abafada. É importante, então, que os cristãos sejam capazes de fornecer uma informação que cria notícias, dando a palavra aos que dela são privados (AN, n. 6).





- **Rever o conceito de sucesso no que diz respeito à prática da comunicação**

No campo da Comunicação, precisamos vencer toda tentação de triunfalismo. Também neste campo é preciso que se invista em uma Igreja do serviço, da defesa dos pobres, do combate à injustiça e à exploração, da construção de pontes que diminuam distâncias e de correntes que não aprisionem, mas aproximem, unam e comprometam as pessoas. Uma Igreja onde a estética caminhe de mãos dadas com a ética, na qual as belas liturgias, os toques de trombeta, os megatemplos, as grandes concentrações de fiéis não sejam apenas um espetáculo aos olhos e ao coração, mas expressão de um compromisso, de um elo vital que lance as pessoas à atenção e ao cuidado integral da vida do ser humano, pois cada pessoa, por sua dignidade, é “casa de toda humanidade” e habitação de Deus. Uma Igreja de escuta, de diálogo, de ouvidos atentos para distinguir a voz do Senhor que clama na vida, no mundo e nas pessoas.

É claro que estas rápidas provocações são apenas um “ensaio” diante das múltiplas interrogações que este tema – espero eu –, desperta em nós. O mais importante é que não tenhamos medo ou desconfiança, mas que avancemos com firmeza e coragem, sem perder de vista a humildade, na direção de contribuirmos para que o ambiente virtual seja cada vez mais conforme o sonho de Deus: um lugar de paz, respeito, justiça e amor gratuito.

Para conversar:

1. Que tipo de influência este fenômeno das novas tecnologias exerce sobre nossas comunidades religiosas?
2. Enquanto consagrados e consagradas, que contribuições podemos oferecer para a Evangelização no ambiente digital?
3. Em que aspectos precisamos crescer para que nosso testemunho seja mais relevante também nesta área?
4. A que riscos e tentações podemos estar sujeitos?





O LEGADO ESPIRITUAL DO PE. RICARDO ANTONCICH PARA A VRC

BÁRBARA P. BUCKER, MC¹

Falar do legado de uma pessoa é como mergulhar no profundo da herança de uma misteriosa presença na ausência, mas sempre em comunhão com sua existência vivida no espaço temporal, fazendo-se evidência para quem reflete e incorpora seus indicativos.

Todo ser humano é mistério diante do qual, mais que dizer palavra, tem-se que fazer silêncio contemplativo para ouvi-lo, o que considero ser um dos vários legados de Ricardo Antoncich, no exercício de sua acolhida e reconhecimento da graça de Deus, sempre fiel na existência de seus filhos e filhas.

Sua existência como ser humano e religioso sacerdote da Companhia de Jesus deixa uma herança rica do legado de ouvir em profundidade, importante em nossos dias, quando o excesso de ‘palavras ruído’ dificulta o ouvir a si mesmo e aos demais como é devido.

Saber silenciar para ouvir seus interlocutores, e procurar *ser* palavra mais que *dizer* palavra na busca conjunta de conhecimento reflexivo, foi seu modo de ajudar muitos/as leigos/as e religiosos/as no discernimento; no acompanhamento espiritual dos Exercícios de Santo Inácio; e no

¹ Possui doutorado em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1992); mestrado no Institutum Theologiae Vitae Religiosae Claretianum pela Pontifícia Universitas Lateranensis (1980). Atualmente em exercício na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Teológica, atuando principalmente nos seguintes temas: teologia, mariologia, ética cristã, espiritualidade.





compromisso com a vida, convencido de que esta acontece neste mundo de modo construtivo quando ancorada no evangelho de Jesus Cristo.

Paciência vivida e consolidada no percurso de seu existir, e exercitada no decurso dos anos em inúmeros encontros, na dinâmica de aguardar o tempo favorável para expressar com delicada convicção um modo de pensar que podia não corresponder às várias percepções dos demais em suas diferenças de compreensões.

Na homilia de sua Missa de Exéquias, o Pe. Luiz Fernando Klein, sj, expressou com muita profundidade um detalhe importante de sua vida testemunhal como riqueza de seus muitos 'legados' de qualidade, o de manter um forte equilíbrio diante de sua inconformidade ou indignação com a miséria em nossos países, na acolhida e apoio incondicional a todas as pessoas, mesmo que fossem seus opositores e detratores, porque vivia ao pé da letra o evangelho, nunca permitindo que o amor pelos oprimidos se convertesse em ódio pelos opressores.

Isto recorda o destaque que faz Pablo Richard na introdução de seu opúsculo recentemente publicado sobre Dom Romero com o título: "A força espiritual da palavra de Dom Romero", expressando o sentido da voz que diz verdade e segue ecoando nos rincões das realidades: "A palavra fica. Este é o grande consolo de quem prega. Minha voz desaparecerá, mas minha palavra, que é Cristo, permanecerá nos corações que quiseram acolhê-lo". Tanto para Romero como para Ricardo coincide o significado desta afirmação profética que permite continuar escutando um e outro, e encontrá-los em sua ressurreição.

O legado da Doutrina Social da Igreja

Descobrir a própria vocação e o porquê de cada existência neste mundo constitui objeto de busca pessoal, e também de muitas provocações, quando o assunto é saber de que modo Deus deseja que o sirvamos. Entregar a vida no serviço de ser voz dos que não têm voz, conforto e esperança de quem se encontra na solidão, constitui caminho a ser trilhado junto e em favor dos filhos e filhas de Deus neste mundo, especialmente daqueles que ignoram que Deus é um Pai Maternal, fiel ao amor para com suas criaturas, especialmente daqueles que vivem no deserto da indiferença e abandono de seus irmãos.

O legado dos trabalhos e cursos de Doutrina Social da Igreja (DSI) que realizou deixam transparecer um profundo amor e compromisso





com a missão eclesial de não se descuidar em buscar compreender as situações dramáticas da realidade da vida dos pobres, que questiona e interpela a fé cristã em nosso Continente, animando e suscitando interesse nas pessoas de boa vontade, que querem fazer algo em favor de uma humanidade nova solidarizando-se com os pobres.

A vida religiosa que recebe este legado é motivada a procurar clarificar e aprofundar o significado da convergência de dois elementos que coexistem em contradição na realidade da América Latina e Caribe: fé cristã e injustiça.

Ser cristão, e ao mesmo tempo ter que viver na injustiça estrutural, questiona as opções que se faz como cristão. Sabemos que a injustiça sempre existiu na humanidade e não é um fenômeno novo, mas é grave o que decorre daí, quando esta penetra as estruturas sociais, perpetuando-se através delas como se fossem cristãs, realidade que o Magistério denuncia como escândalo.

Para o cristianismo, é de central interesse o valor do evangelho e a evangelização, como tarefa da Igreja e dos cristãos em levar a Boa Nova para o mundo. Já desde o ponto de vista da injustiça importa considerar a libertação como empenho de conscientização para superar estas estruturas injustas que oprimem uma parte da humanidade, que são os pobres.

Também exige este legado que se adquira uma visão mais profunda tanto da evangelização como da libertação, que corresponda a um modo de atuar e entender a fé operativa no compromisso transformador.

A fé exige suprimir a injustiça, e se esta persiste pode enfraquecê-la, ou se inventar modos diferentes de crer, incluindo até as manipulações. Tanto o aspecto da libertação como da evangelização exigem ir mais fundo nos dois aspectos para compreender o que exige a DSI.

Pelo lado da libertação é necessário não ficar no nível só das mudanças de estruturas sociais, que não é tarefa da Igreja como Igreja, mas a de buscar o sentido integral da libertação indo à raiz do problema da opressão, que são as estruturas injustas refletindo no fundo ações de pessoas injustas em sua realidade de pecado que reside no coração das pessoas, e que só a graça de Cristo pode libertar.

Pelo lado da evangelização, superar entender a conversão como um fato meramente individual, e a salvação como realidade apenas escatológica, alienando as pessoas dos problemas sociais que existem no mundo.





Desse modo, a fé passaria a ser uma realidade apenas espiritual perdendo sua mensagem libertadora. Legado que ajuda a vida religiosa a percorrer com maior consciência o caminho do compromisso profético de sua identidade na Igreja para viver uma espiritualidade encarnada e libertadora.

Aprofundando a mensagem libertadora do evangelho, percebe-se que não é só um modo de viver individualmente, mas também de conviver socialmente. Viver como filhos/as de Deus e conviver como irmãos/ãs. Isto significa para a vida religiosa consagrada expressão de seu próprio *habitat* e espaço de ensaio e erro no transcurso do tempo, para coincidir daquilo que afirma do Concílio Vaticano II, na *Lumen Gentium* 44, ser sinal da vida e santidade da Igreja como modo de testemunhar o reino de Deus.

Chamado para uma conversão autêntica ao evangelho que insiste nesses dois níveis, sem privar a autêntica dimensão social pela qual a fé pode interessar-se pelas estruturas sociais. O mesmo acontece com a salvação que tem também uma dimensão que é histórica, mesmo que sua plenitude de salvação se dê na escatologia como realidade do reino do céu, mas que se antecipa na história como sinal de uma nova convivência de irmãos/ãs para fazer a vontade de Deus Pai.

A evangelização deve ser libertadora, e a busca de libertação um caminho de compromisso evangelizador, que anuncia uma nova liberdade que se encontra no evangelho como anúncio que traz a novidade de Cristo que liberta.

O caminho desse legado tem sua fundamentação na vocação e ação dos profetas da Bíblia no Primeiro Testamento, e do testemunho de Cristo e dos Apóstolos e fiéis através dos ensinamentos do Magistério da Igreja no Segundo Testamento.

O legado da DSI empenhou a vida do Pe. Ricardo por longos anos de estudo para tornar acessíveis os vários conteúdos que pudessem motivar e comprometer de modo consciente e lúcido irmãos e irmãs na Igreja. Este empenho se transformou em testemunho de sua própria vida consagrada em favor de uma nova humanidade, e possui hoje vigor e força motivadora como *palavra vida* após sua ‘páscoa definitiva’, ânimo que elucida a solidariedade para que o compromisso com os pobres continue existindo.

O que recorda a afirmação de Dom Helder Câmara em uma ocasião: “os pobres não necessitam tanto de nossa esmola quanto de nossa amizade de irmãos”, afirmação consciente que motiva para viver a consagração testemunhando amor à Igreja como esposa de Cristo.





Pe. Ricardo colaborou como assessor teológico junto aos bispos nas Conferências de Medellín, Puebla e Santo Domingo, e pode sentir-se alegremente confirmado nas atuais opções do papa Francisco, como uma nova irrupção do Espírito do Vaticano II que impulsiona a Igreja em sua missão de esposa fiel.

A recepção deste legado é uma herança exigente de consciência no cultivo não só do estudo, mas também de uma interioridade enriquecida profundamente pelos valores do evangelho que motivam a vida religiosa a seguir adiante e sofrer com as consequências das opções que se assume, em movimento de presença solidária como “cultura do encontro” com o ser humano em experiências de intercongregacionalidade, que fortalece a riqueza de cada carisma superando a carência de número de seus membros na vida religiosa.

A novidade sempre nova e antiga desta presença junto aos pobres traz a comprovação de serem estes sujeitos, propiciando em nível pessoal e institucional, a riqueza daquilo que realmente somos diante uns dos outros como realidade fraterna, necessária para a transformação.

Estas considerações vividas junto ao instituído fizeram do convívio com os pobres um divisor de águas para compreender a necessidade de conversão tanto pessoal como institucional, em direção pedagógica do aprendizado recíproco e do cuidado na amizade vivida gratuitamente como dom de Deus à Igreja.

O legado do discernimento como Orientador Espiritual

O traço fundamental do proceder inaciano chama-se discernimento, que se exercita pessoal e comunitariamente, fazendo compreender que a existência não se reduz a um conhecer unilinear e exige que se analise a realidade concreta a partir das possibilidades, dos confrontos e das tensões que ela carrega.

A realidade humana muitas vezes é atravessada pelo princípio da ambiguidade, da falta de transparência e da polaridade no jogo da verdade e da ideologia. O discernimento pede lucidez analítica no sentido de desvendar onde residem os entraves e as aparências na busca da verdade, medindo o nível de obscuridade consciente provocada pela confusão interior e possibilidade de engano.

A dúvida habita tanto o lado da realidade objetiva quanto da pessoal subjetividade, e informa que, quanto mais o discernimento for





comunitário, mais possibilidade se tem de perceber as próprias dificuldades. O ponto crucial no discernimento situa-se na percepção e distinção entre a realidade objetiva e o interesse subjetivo que move o ser humano, porque, quanto mais o juízo estiver carregado de interesse para proveito pessoal e comunitário, mais difícil se faz perceber a objetividade da realidade.

Este legado para a vida religiosa fez do Pe. Ricardo um buscador do querer de Deus antes de satisfazer o próprio querer, através de seu modo de ponderar com calma e motivando aguardar o tempo da manifestação do querer de Deus, assim como refletir para decidir conjuntamente.

Isto ajuda a ver que o resultado do discernimento consiste numa provisória percepção da síntese entre o projeto de Deus e a decisão que se toma, porque o definitivo na história significa permanente reafirmação de novas sínteses na contínua superação do próprio egoísmo.

O modo lúcido de praticar o ministério do acompanhamento espiritual entre seus interlocutores fez que sua existência fosse solicitada internacionalmente como confiável referência para elucidar muitos conflitos, distinguindo as moções dos espíritos e deixando livres seus interlocutores no garimpo dos próprios interesses e na busca de reconhecer os propósitos de Deus em suas vidas com serena acolhida e livre decisão.

O legado da contemplação na ação é para a vida religiosa consagrada um contínuo desafio na realidade deste nosso mundo secularizado, absorvido pelo trabalho e saturado de barulho da agitação produtiva. A contemplação se apresenta como convite e ajuda para parar e tomar decisão de se empenhar e transpor desde a ação para uma equilibrada síntese.

É certo que a contemplação pode cumprir a função do espírito que vivifica a ação, dando-lhe um sentido último e tornando a situação mais leve na perspectiva da 'leveza institucional' desejada para a vida religiosa, compreendendo que se pode tornar presente na contemplação os compromissos, as pessoas, as obras e trabalhos, porque, no coração do agir, o espírito humano pode se elevar até Deus, entregando-lhe todo o seu fazer.

Muitas vezes diante de problemas graves e de decisões difíceis surgem no mais interior do ser o sentimento de impotência junto com a confiança para a entrega de tudo a Deus e de só nele confiar.

As motivações que oferece o rezar as contemplações dos mistérios da vida de Jesus alimentam a espiritualidade e emitem luz ao fazer e na aquisição de um novo sentido das tarefas; orientam, animam e





serenam a ação que, uma vez tocada pela experiência de Deus, acaba sacudindo o interior acomodado, ensinando que o dinamismo da ação e contemplação propicia um estado de alerta para descobrir os sinais de Deus na realidade, impregnando-a de caridade e afastando os impulsos e motivações egoístas.

A teologia conhece a expressão ‘*sensus fidei*’ e ‘*sensus fidelium*’ como uma espécie de olfato delicado que reconhece a verdadeira fé nas verdades das ações, e viabiliza quem contempla a tornar-se pessoa em condição de perceber e adquirir um ‘*sensus amoris*’ na fina percepção do outro e de suas necessidades.

O ambiente da experiência do amor ajuda a desenvolver uma sensibilidade capaz de captar Deus nas situações mais difíceis e trágicas que adquire o contemplativo na ação, como sentido de amor que alimenta seu agir, sem excluir da contemplação espaços de isolamento da subjetividade como fina condução de suas buscas.

O modo inaciano de proceder no compromisso com os pobres é teste para a verdade e veracidade da contemplação que purifica a ação, questionando as motivações de possíveis vaidades e egoísmos na busca de sucesso, permitindo viver com liberdade essa luz de Deus no sucesso e no fracasso, e provando a gratuidade do contemplar e deixar fluir o valor do aprendizado da gratuidade na ação em bela síntese que transforma a vida.

A máxima inaciana de “*em tudo amar e servir*” toma carne neste pedido de Inácio na contemplação para alcançar amor, e na vida de quem discerne ensinada pelo Pe. Ricardo, porque a natureza do amor que tende para o infinito aterrissa no real do amor, que se mostra antes nas obras que nas palavras.

O serviço ajuda a perceber a verdade do amor na comunhão mútua dos dons entre aqueles que se amam, e Deus, que é amor, comunica o infinito dom de si alegrando-se de receber de seus filhos e filhas o louvor, a reverência e o serviço, como modo de proceder que capta seu dinamismo interno.

Deus esbanja seus dons, que na expressão espanhola dizia Ricardo ser um “*derrochador*” de seu amor para tornar consciente a felicidade do conteúdo recebido àqueles a ele confiado, maneira generosa de ajudar perceber através do ministério dos Exercícios Espirituais a riqueza de cada coração e assim colaborar com a obra do Espírito Santo na santidade dos filhos e filhas de Deus.





Outro aspecto é o da felicidade que se realiza mais quando se doa do que quando se recebe (cf. At 20, 35), num amor que significa chegar a sentir saudade de Deus e dos irmãos, e que implica alegrar-se com esta presença sentindo prazer de estar em comunidade convivendo com o dom de cada irmão e irmã reconhecendo a divina presença nesta convivência.

Dispor-se ao disposto por Deus em atitude de quem perdoa quando as relações se estremecem, permanecendo numa perspectiva antropológica de servir e fazer ecoar o gesto servidor de amor para recobrar em cada pessoa o que lhe pertence.

Com relação ao modo de proceder no discernimento, Inácio insiste na participação da Eucaristia que não é mero rito religioso, mas expressão do maior dom de Cristo à sua Igreja, porque nela encarnamos o “em tudo amar e servir”, ajudando a comprometer na participação do mistério da vida do Senhor, buscando ser pão partilhado para os irmãos.

O legado medular do discernimento inaciano é de participar do corpo e sangue do Senhor, empenhando a vida na construção da irmandade como comunidade de bondade, de acolhida e de entrega aos demais, que resume o modo de proceder inaciano de ser de Cristo para ser para os outros em tudo: na oração, no encontro com os irmãos, na relação com a natureza e com as coisas.

O amor consola e alivia no serviço pesado e exigente, dá energia, vigor e força para resistir com constância e perseverança nos momentos difíceis, despertando e alimentando as utopias. No fundo o amor é espírito e vida em todas as normas e regras, e o serviço aparece como critério de verificação para o amor, tornando-o verdadeiro.

O modo de proceder inaciano conhece a difícil dialética da liberdade e da obediência e são admiráveis as riquezas de inspiração com que Pe. Ricardo colaborou fazendo entender o que propunha Santo Inácio como algo que nasce como resposta desde uma profunda liberdade no exercício da *indiferença* como “um sentido espiritual agudo da caducidade de tudo, exceto de Deus como único absoluto” (K. Rahner. *Missão e Graça*. vol. III, Petrópolis, Vozes, 1965, pp. 125ss).

Atitude de profunda liberdade em face às determinações, liberdade plantada no interior da pessoa e buscada honestamente diante do querer de Deus, que realiza o que o apóstolo Paulo diz sobre a liberdade cristã diante da lei orientada para a liberdade que Cristo realizou, libertando a todos para viver sob a graça (cf. Rm 6, 14).





O polo do proceder inaciano na obediência sem a *indiferença* da liberdade interior de não criar dependência querendo viver do olhar e apreço das criaturas, corre o risco de servilismo, bajulação e submissão irracional e indigna da vida cristã.

A indiferença e a liberdade interior sem a concretização da obediência na percepção da presença de Deus através das mediações pode perder-se na arrogância e na autonomia sem limite.

O proceder inaciano se dá nessa contínua tensão dialética e em permanente processo de discernimento em que a clareza absoluta fica reservada para a eternidade, porque no tempo e no espaço vai se constatar com frequência a alternância de clareza e obscuridade para que Deus continue sendo o único absoluto na relação de amor para manter os dois polos de liberdade e obediência.

No livro de Piet van Breemen “Habitar en el Misterio” (p. 16-18), encontrei um testemunho de Inácio interessante sobre este tema, que diz o quanto ele estava convencido de que se deve encontrar esta vontade de Deus em nosso próprio coração.

O jesuíta Jean-Claude Guy (1927-1986), especialista em história da espiritualidade, sobretudo da espiritualidade inaciana, fez referência a uma parábola que coloca de relevo, de maneira clara e algo provocadora, como característica essencial de Inácio. A história acontece em Roma num momento em que Inácio é Geral da Companhia. Os padres jesuítas serviam em vários colégios e dois deles necessitavam com urgência de outro jesuíta para poder desempenhar satisfatoriamente suas tarefas. Um deles encontrava-se em Veneza, onde a ordem é amada e venerada pelo povo; o outro em Nápoles, onde os padres eram caluniados e desprezados, tanto que o trabalho era infinitamente difícil. Ambos os colégios expõem sua necessidade ao geral e lhe suplica que lhes envie um companheiro. Mas, Inácio só dispõe de um candidato e se pergunta como pode determinar onde quer a vontade de Deus que envie a esse irmão.

Como enfrentaria esta pergunta hoje um superior de ordem? Falaria detidamente com o candidato e pediria parecer de alguma pessoa que o conhecesse, ou de algum conselheiro? Trataria de valorizar o caráter, a capacidade espiritual e a profundidade religiosa do candidato? Todo isso apresentaria na oração diante Deus e, desse modo, tomaria prudentemente uma decisão.

Inácio atua de outra forma. Está convencido de que a resposta só se pode encontrar no coração do candidato. Chama-o e lhe diz que





tem intenção de enviá-lo a um dos dois colégios. Depois lhe descreve exatamente a situação nas duas cidades. E, antes inclusive que o jesuíta expresse espontaneamente por qual dos dois colégios se sente mais atraído, Inácio o envia à capela para que faça três horas de oração.

Tem que pedir liberdade interior frente às duas possibilidades. O fundador da Companhia de Jesus define esta atitude como “*santa indiferença*”, que é a atitude de estar disposto de coração a assumir qualquer das duas opções. Depois tem que voltar para falar com ele. Quando o jesuíta se apresenta depois de três horas, Inácio lhe pergunta se renunciou verdadeiramente à sua própria vontade. Se o candidato responde que pensa sinceramente que neste assunto é interiormente livre de seus próprios desejos, Inácio lhe diz: “Agora me diga o que desejas de verdade!”. Deste modo o assunto fica decidido. O secretário do Santo escreve a este respeito: “Inácio sabia que o anelo que permanece no coração, quando uma pessoa renunciou por completo sua vontade, coincide exatamente com a vontade de Deus para ela”.

Para Inácio, uma decisão segundo a vontade de Deus nunca depende unicamente das urgências da organização ou de outras circunstâncias exteriores. Nunca utilizaria a uma pessoa para cobrir um vazio. Naturalmente, a situação e o contexto desempenham um papel importante, mas só na medida em que repercute no profundo do coração do interessado. Essa grande sinceridade na liberdade interior denominada de “*santa indiferença*” que constitui o fundamento da obediência em liberdade foi sempre o modo peculiar na orientação espiritual ensinada por Pe. Ricardo no percurso de sua vida que deixa como legado para a vida religiosa de sempre.

O legado de sua intimidade com a oração do Pai-Nosso

O mais elevado legado deixado pelo Pe. Ricardo Antoncich para a vida da Igreja, e nela a vida religiosa consagrada, situa-se justamente no contexto do profundo experimentar Deus como filho diante do Pai, assimilando a riqueza dessa relação amorosa filial em sua própria vida.

Coloca em destaque a experiência de Jesus quando lhe foi pedido ensinar a rezar (Lc 11, 1), apresentando-a como dom de Deus e graça do Espírito Santo oferecido sempre em abundância, e deixando para a responsabilidade de seus interlocutores a tarefa de preparar o terreno de modo que o fruto seja generoso conforme a promessa do ‘cem por um’.





Oração de rezar e de viver como no exemplo de Jesus, que em sua intimidade com o Pai deixa transparecer a paixão pelo reino. Daí que, rezar bem o pai-nosso significa viver cada um de seus pedidos como a melhor forma de transluzir os compromissos da vida religiosa como concretude do reino assumido na vida. Atenção que distingue uma invocação inicial das outras sete petições.

A central importância deste legado é concebida na invocação do “Pai-Nosso que estás nos céu”, apresentação imediata da relação com Deus de modo filial e intimidade cheia de confiança de quem se sente abraçado como filho e abraçada como filha.

Deixou claro que, quando Jesus reza desta maneira, partilha conosco a filiação que nos chega como direito próprio, e que corresponde a Ele de modo particular delegando o empenho de fazê-lo realidade.

O mais importante desta vivência é que está unida de forma direta à fraternidade, porque não existe filiação se não houver amor aos irmãos e irmãs. Deus, invocado como Pai de todos, faz de cada pessoa que reza o Pai-Nosso expressão de abertura sempre mais generosa para a comunhão de um “nós”, peculiar modo como a vida religiosa existe no projeto de seguimento de Jesus na Igreja.

Esta intimidade é experimentada ao mesmo tempo na distância da transcendência que não é vista de forma imediata, e nem pode ser reduzida ao espaço material do mundo imanente, porque transcende a tudo por estar “no céu”.

Desse modo, na sequência das sete petições depois da invocação seguem as três primeiras dirigidas a Deus como Pai; duas que explicam em que consiste este mundo de irmãos implícito no “nosso” da invocação inicial; e, outras duas que revelam o antagonismo que ameaça o reino de Deus. Cada uma das cinco petições vai sendo explicada através das seguintes, formando entre as cinco uma unidade que é antagônica diante dos perigos dos quais se quer livrar ao rezar as duas últimas.

O Pai é santificado à medida que o Reino vem a nós e isso acontece quando sua vontade é cumprida na vida dos filhos e filhas. É central na busca da vontade de Deus conhecer para aderir a essa vontade como manifestação de sua bondade no mundo e entre os irmãos, experimentando a alegria de tornar acessíveis os bens criados através da partilha fraternal.

Quanto à pergunta de como conhecer essa vontade, a resposta acompanha a caminhada através daquilo que reconhecido de se ter recebido





como dom seja compreendido no dever de ser compartilhado de maneira fraternal. Isso mesmo inclui o necessário dever do perdão mútuo, à semelhança do perdão que o Pai nos concede. Desta forma, as cinco petições iniciais podem ser consideradas como descrição do reino.

O antagonismo daquilo que possa significar ceder à tentação com relação ao reino de Deus acaba por facilitar a entrada no coração das sugestões que corroem e enfraquecem as outras petições, que se instaura no ódio de não aceitar nem procurar a reconciliação pelo egoísmo que se fecha e endurece para com as necessidades dos demais. O mal deve ser considerado sempre como uma rebeldia diante da vontade de Deus, ou a sutil manipulação de sua vontade.

Esta oração exprime o essencial a ser assimilado por todos os que seguem a Jesus, e por meio dele encontram o Pai. É resposta à pergunta dos discípulos, sobre o modo de orar que lhes seja próprio, assim como ocorreu com os discípulos do Batista que aprendiam a orar com seu mestre. Na Igreja primitiva reserva-se a oração do Pai-Nosso aos iniciados.

A primazia é de Deus, em um teocentrismo que implica a afirmação da criação do ser humano referido a Deus, em um amor gratuito e benevolente, único motivo da criação, porque não pode existir necessidade de complementar em um ser infinito.

Decorrendo daí a finalidade da vida estar referida a Deus, que na linguagem cristã não pode faltar o amor, e também a resposta em liberdade para se escolher esta felicidade que é oferecida vencendo a tentação para o mal.

Jesus ensina a pedir o reino e seria absurdo pedir algo desconectado de buscar saber do que se trata. Por isso, a oração do Pai-Nosso se refere a todas as parábolas do reino, que pode ser entendido no conjunto delas o que a mesma oração vai descrevendo.

O reino é uma realidade, não uma ficção da imaginação, realidade que modifica a vida, o que é muito importante no horizonte da esperança e concretude da fé considerando Deus presente nela, sempre que o assentimento manifeste o agir de Deus alterando as relações com os outros para torná-las fraternais e solidárias. Reino que é vitória sobre o mal, sobre a tentação, fazendo que o poder de Deus vença as trevas das obras más.

O múltiplo conjunto de relações que a pessoa humana estabelece com o mundo que o rodeia é qualificado pela presença de Deus e por seu reinado dando significação aos bens deste mundo como fonte de vida para todos. Significa então que de fato Deus é amado, obedecido





e reconhecido, e que a humanidade vai superando suas divisões para chegar a ser irmãos no “nós” onde se viva com honestidade a sinceridade do pão e o Pai “nosso”.

No reino ainda é possível encontrar a plenitude da liberdade humana como resposta à proposta de Deus que supõe livre encontro de pessoas e revelam que a liberdade se realiza no encontro com o próximo, encontro que não é confronto, mas uma conjunção visando o mesmo projeto.

O legado do respeito por outra liberdade como reconhecimento de sua dignidade e direitos implica um corte da própria autonomia como um dever e obrigação que de alguma forma limita o absoluto de estar “solto” quando se trata da atenção que se deve pelo bem dos outros.

O encontro se torna exigente e definitivo quando se chega ao compromisso, que supõe exercício da liberdade e ao mesmo tempo restrição dela na delimitação de futuras possibilidades. Daí a importância do caráter objetivamente válido do compromisso que limita a vontade, que o projeto do reino cumpre como condição.

O compromisso supõe assumir ainda a dimensão da temporalidade, já que esta se desenvolve em uma sequência temporal e integra o futuro de muitas ações no presente de uma decisão. O compromisso encarna-se no serviço como resposta de iniciativa de outra pessoa como proposta.

A seriedade do compromisso pode chegar inclusive à experiência limite da morte, mesmo que paradoxal como opção pela vida, já que todo compromisso sadio deve propor-se como meta última exigida em determinadas ocasiões como uma morte redentora. A experiência da morte indica o caráter incondicional do compromisso na expressão que oferece o legado do Pe. Ricardo para a vida religiosa na sucessiva significação de substituição do martírio.

O legado da pessoal Opção pelos Pobres na Teologia da Libertação

Sabemos que estamos do lado dos pobres quando junto com eles e em favor deles situamos nosso refletir, nosso orar e agir, colaborando para que a pobreza como iniquidade seja neutralizada, porque aniquila a dignidade de todo ser humano conduzindo-o à morte.

O trabalho “social” como alívio da pobreza e das carências que limitam o desenvolvimento da pessoa humana sempre foi considerado, desde a





mais antiga tradição de nossa cultura, como um gesto de caridade e benevolência que tem seu mérito pela proximidade das pessoas concretas. Desse modo, não interessava tanto ir às causas da pobreza (muitas vezes atribuída à vontade divina), mas tratar dos efeitos que causam nas pessoas.

A moderna sensibilidade devido ao florescimento das ciências humanas e sociais coloca nossa atenção nas causas da pobreza e não só no minimizar seus efeitos. Os dois sentidos não podem estar separados, o que move para a dedicação, que é a “paixão pela humanidade” vivida com dignidade, assumindo a vidas das pessoas pela solidariedade, mas também aplicando métodos científicos e técnicos para transformar o que for possível.

Orienta muito compreender este legado pelo próprio Pe. Ricardo em sua convicção do valor humanitário como convergência para as contribuições sobre a justiça e sobre a fé através do texto religioso de Mateus 25, 31-43 do juízo final. Este texto confessional, de caráter religioso, só aparece em Mateus como final da atividade profética de Jesus onde apresenta seu “programa” do Reino de Deus.

A importância dele se deve à transição entre as atividades da vida profética e o destino trágico de Jesus de Nazaré. Depois da narração do “juízo final” começa a paixão, morte e ressurreição de Jesus. Outro motivo de interesse é também a referência desta narrativa à avaliação de toda a história humana sem distinguir credos, nações, culturas. Essa avaliação sustenta-se nos atos de serviço visíveis realizados com certos tipos de pessoas em situações de carência e impotência.

Nesta representação do “juízo final de toda a história humana” Jesus Cristo aparece como juiz dela aprovando ou reprovando todos os seres humanos. Por estranho que pareça neste texto religioso, o critério de aprovação ou desaprovação não é o das convicções de fé ou da observância das prescrições de culto, mas das práticas concretas de serviço desinteressado aos seres humanos que necessitam ajuda porque estavam famintos, sedentos, nus, doentes, prisioneiros, sem moradia... Sobre essas práticas se faz o juízo de aprovação ou de rejeição e se explica o motivo: “me deste de comer, de beber... etc.” Todas as pessoas julgadas fazem, por sua vez, a mesma pergunta: “quando te demos de comer ou de beber, etc., e uma só é a resposta: “cada vez que fizeste com um destes meus irmãos, fizeste comigo”.

A importância deste texto é muito grande porque anuncia a avaliação do sentido da vida de toda a humanidade, de todos os tempos e nações. Crentes e não crentes seremos medidos com a mesma medida, a de nossas obras em favor dos necessitados.





Nosso mundo moderno avalia as pessoas pelo que elas têm, sabem e podem; e esta maneira de avaliar o ser humano deixa de lado algo fundamental: o valor que cada ser humano tem em si mesmo e por si, pelo que é.

Este legado de uma teo-logia que diz palavra sobre Deus precisa revelar coerentemente a veracidade das ações no amor revelando Deus que mobiliza o coração para uma ação libertadora. Amar o próximo como a si mesmo é caminho para o amor ao próximo, porque o objetivo do serviço à promoção humana é despertar em cada pessoa a capacidade de colaborar com outros como ser pessoal e fim em si, e jamais como puro meio.

Este potencial libertador se desentranha da fé que promete vida eterna e também uma busca de vida digna e justa na história em solidariedade com os menos favorecidos como maneira de cultuar e comungar com Cristo.

A teologia da libertação possui em sua raiz uma espiritualidade que sustenta a pessoa em solidariedade e profecia, sendo esta palavra de esperança e concretude amiga, não abdicando do aprendizado como vivência entre irmãos, filhos todos do Pai Maternal.

Questões reflexivas

1. Qual importância do conhecimento da DSI em nossos dias para a vida religiosa?
2. Como percebemos a importância do discernimento para a vida religiosa de hoje?
3. Quais as implicações objetivas que sugere a oração de Jesus no Pai-Nosso?
4. O que significa sustentar a pessoa em solidariedade e profecia?

